Roberto dos Reis Santos

A Santa Ceia



Um estudo bíblico e histórico
da celebração do corpo de Cristo

A Santa Ceia

Roberto dos Reis Santos

A Santa Ceia

Um estudo bíblico e histórico
da celebração do corpo de Cristo



CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 2005 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Kleber Cruz
Revisão: Alexandre Coelho
Capa e projeto gráfico: Rafael Paixão
Editoração: Marlon Soares

CDD: 230 – Teologia
ISBN: 85-263-0728-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-701-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição: 2005

Sumário

Capítulo 1 — *A Celebração do Corpo* 07
1. O Pão e o Vinho na Comunidade Judaica 09
2. O Pesach Judaico 12
3. O Rito 14

Capítulo 2 — *Enraizados em Deus* 17

Capítulo 3 — *Pedro, Você Esqueceu?* 29

Capítulo 4 — *Judas e o Bocado Molhado* 35
1. Judas Iscariotes Participou da Ceia? 38
2. O Bocado Molhado 41

Capítulo 5 — *Mistério da Piedade: Deus conosco* 45
1. "... e Armou Tenda entre Nós 46

Capítulo 6 — *Ceia, Sacramento ou Ordenança?* 51
1. Santa Ceia: Concepções 53

Capítulo 7 — *A Celebração na Igreja Primitiva* 57

Capítulo 8 — *A Ceia na Idade Média* 63

Capítulo 9 — *Colóquio em Marburgo* 67

Epílogo 83

Bibliografia 85

Capítulo 1

A Celebração do Corpo

A Santa Ceia é certamente uma das celebrações mais comoventes da igreja cristã. No primeiro dia da "Festa dos Pães Asmos" quando, de acordo com a tradição judaica, se fazia o sacrifício do cordeiro pascal (Mc 14.12), Jesus ordenou a Pedro e João que preparassem a Páscoa. O texto de Lucas 22.8 é o único que revela o nome dos dois discípulos ocultados por Mateus (26.17-19) e Marcos (14.12-16). O sigilo de tal missão é justificável. Afinal de contas, Judas procurava uma oca-

são oportuna para o entregar aos principais e sacerdotes (Mt 26.14-16; Mc 14.10-11; Lc 22.3-6) e, obviamente, caso ficasse sabendo do local da reunião, armaria uma emboscada, evitando a celebração e instituição da Santa Ceia. O sigilo era necessário: "... logo que vocês entrarem em Jerusalém, verão um homem que vai andando e carregando um pote d'água. Sigam esse homem até à porta em que ele entrar. E digam ao dono da casa: O nosso Mestre pediu que nos mostre a sala para hóspedes onde ele poderá comer a refeição da Páscoa com os seus discípulos. Ele levará vocês ao andar superior, a um aposento espaçoso todo preparado para nós. Aquele é o lugar. Preparem a refeição ali" (Lc 22.10-12, Linguagem Viva).

Aquela era a última refeição de Jesus, a última Páscoa celebrada em companhia dos discípulos, pois, "... desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai" (Mt 26.29, ARA). A própria ceia apontava para seu ato redentor e falava de sua entrega voluntária (Jo 10.17,18); "... tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu... dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir, tomou um cálice... dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue... derramado em favor de muitos..." (Mt 26.26-28). Os elementos da ceia seriam sacralizados, transformados em sacramento, dogma da Igreja, "... fazei isto em memória de mim" (1 Co 11.24), e daquele dia em diante repetido pela igreja "... até que ele venha" (v. 26).

O ambiente onde a última Páscoa e a primeira Santa Ceia foram realizadas era especial, "... um espaçoso cenáculo mobiliado e pronto..." (Mc 14.15). O termo grego para "cenáculo", *anagaion*, diz que era "uma sala no andar superior" da casa, onde costumeiramente se realizavam as refeições. O cenáculo era coberto de tapetes e talvez mobiliado com divãs — uma

espécie de sofá sem encosto, feito de tapetes, conforme expressa a palavra "mobiliado", no grego *estrométon*.

A celebração da ceia para os discípulos naquele cenáculo era completamente diferente das ceias anteriores, pois seu Mestre seria o próprio elemento a ser celebrado: "... Isto é o meu corpo, que é dado por vós..." (1 Co 11.24). Os elementos tipificavam sua vida e morte em favor dos homens.

A essência da Santa Ceia é a comunhão. *Comum-união* entre os discípulos, "... somente um corpo e um só Espírito... um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos" (Ef 4.4-6).

Ceia é isto, é comunhão, é partilharmos a mesma esperança de retorno, "... até que ele venha" (1 Co 11.26); é esforço diligente na preservação da unidade no Espírito por aquilo que nos une — o amor de Deus, o vínculo da paz (Ef 4.3). Não se pode separar comunhão e amor na celebração da Santa Ceia. O amor nos fez um, nos juntou; nos fez um só corpo em Deus "... por intermédio da cruz..." (Ef 2.16). O amor nos fez Igreja, *ekklésia*, "tirados de dentro" do lamaçal do pecado, da inconsistência do mundo, nos alicerçando em Deus (Ef 3.17). É isto que celebramos ao participar do pão e do vinho na celebração da Santa Ceia.

O Pão e o Vinho na Comunidade Judaica

Nas terras do antigo Oriente o *pão* e o *vinho*, assim como determinados produtos, eram as formas mais comuns de alimentação. O pão, *iehem*, que aparece cerca de duzentas e oitenta vezes no Antigo Testamento, em termos gerais significa "alimento", "sustento", indicando sua presença indispensável para o sustento do povo hebreu.

O pão era o principal alimento. A expressão "comer pão", em hebraico, significava "fazer uma refeição".[1] Noventa e cinco por cento dos habitantes do mundo antigo tiveram como base alimentar os derivados do trigo, além de água e vegetais. Escreve I. D. Lucírio: "natural da região do mediterrâneo e oriental médio, o trigo começou a ser cultivado em 8500 a.C. e se tornou uma das principais fontes de alimento do mundo antigo, que não vivia sem pão".[2] Sara apressou-se em preparar pão para os viajantes (Gn 18.1-6); os que trabalharam no campo se alimentaram de pão (Rt 2.14); durante as guerras o pão era usado como alimento básico para os soldados (1 Sm 16.20); no episódio da multiplicação, pães e peixes foram usados por Jesus (Mt 14.13-21; Mc 6.30-44).

O pão devia ser tratado com respeito,[3] sendo proibido jogar fora até as migalhas. Talvez os judeus utilizassem cães domésticos para esta função — comer "... das migalhas que caem da mesa dos seus donos" (Mt 15.27).

O pão mais comum no mundo antigo era feito de cevada, alimento dos pobres, por ser mais barato.[4] O pão de trigo era um luxo. O grão era moído por mulheres ou escravos entre duas mós, cuja farinha fina era usada para cozer bolos e também para fins litúrgicos. Três eram os métodos de cozimento: 1. O *tannur* (forno), tubo cônico onde a massa era cozida sobre pedras quentes; 2. Bandejas redondas de metal colocadas sobre três pedras, onde era aceso o fogo; 3. A massa, colocada sobre cinzas quentes.

Os judeus empregavam o pão para fins religiosos, sendo o ato uma espécie de gratidão pelos cuidados providenciais de Deus quando simbolicamente entregavam, nos atos litúrgicos, parte do que foi provido por Ele.

Além dos animais usados nos sacrifícios veterotestamentários, os elementos do pão apareciam em quase todos os atos sacrificiais, na classe de "ofertas de cheiro suave", que não tratavam do peca-

do, mas falavam de gratidão, comunhão e consagração. O pão era usado em ofertas pacíficas (Lv 7.12) e ofertas das primícias (Nm 15.17-20). Naturalmente, fazia parte das cerimônias da Páscoa, e, posteriormente, na celebração da Santa Ceia cristã.

"E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu..." (Lc 22.19) O pão não podia ser cortado, mas partido. Esse gesto era comum entre as famílias judaicas, onde o pai, ao iniciar uma refeição, tomava um pão e, após dar graças ao Senhor, partia-o em pedaços e distribuía-os entre os membros de sua família.

A origem do vinho é antiga. Sua produção no Oriente Médio data da pré-história. O texto sagrado indica que Noé o utilizou (Gn 9.20ss). Havia no mundo antigo diversos tipos de bebidas, entre elas o suco de romã, de tâmaras, leite e *shechar* — uma espécie de cerveja feita de cevada e painço. Entretanto, não se comparavam ao vinho.

O vinho fabricado na Palestina era geralmente tinto, conforme indica a expressão "sangue da uva" (Gn 49.11; Dt 32.14). O lagar, local onde se fazia o vinho, em geral ficava na própria vinha. As escavações arqueológicas realizadas na antiga cidade de Gabaon revelam que o lagar, segundo John McKenzie,[5] era composto de dois tanques, talhados na pedra a diversos níveis, com um pequeno canal que levava do nível superior ao inferior. A primeira compressão se fazia espremendo a uva com os pés (Ne 13.15); era um trabalho festivo, acompanhado de gritos (Jr 25.30; 48.33) e de instrumentos musicais. Em seguida, os cachos eram espremidos por meio de uma haste com uma pedra pesada, ou por meio de paus que serviam de alavanca para os pesos. O suco da uva depois era colocado em tinas ou recipientes de couro para a fermentação.

O vinho é um dom e uma bênção do próprio Deus (Dt 7.13; Pv 3.10; Os 2.10), e evidentemente, à semelhança do pão, fazia parte nas ações litúrgicas do povo judeu. Em sentido ge-

ral, todas as refeições têm para o judeu sentido sagrado.[6] O alimento e a bebida são dons de Deus, dádivas que os judeus não esquecem em sua orações:

Sobre o pão:
"Bendito sejas, ó eterno, nosso Deus, Rei do universo, que da terra tirais o pão."

Sobre o vinho:
"Bendito sejas, ó eterno, nosso Deus, Rei do universo, que criastes o fruto da vinha."

Sobre o alimento:
"Bendito sejas, ó eterno, nosso Deus, Rei do universo, que criastes tantas formas de iguarias."

Sobre as frutas das árvores:
"Bendito sejas, ó eterno, nosso Deus, Rei do universo, que criastes os frutos da terra."

Sobre os produtos do solo:
"Bendito sejas, ó eterno, nosso Deus, Rei do universo, que criastes os frutos do solo."

Depois das refeições:
"Bendito sejas, ó eterno, nosso Deus, Rei do universo, que alimentais todas as criaturas."

O *Pesach* Judaico

O relato da instituição desse rito se encontra em Êxodo 12. Deus ordena a Israel que o observe (vv. 1,2). A observância

do rito, além dos atos litúrgicos prescritos no relato, exige à disposição um cordeiro ou um cabrito, macho de um ano, sem defeito (v. 5); pães ázimos e ervas amargas (v. 8). Estas recomendações dirigem-se ao círculo familiar (v. 3), podendo estender-se à vizinhança (v. 4).

O cordeiro devia ser assado inteiro, e aquilo que não era comido no banquete devia ser queimado antes do dia seguinte (v. 10). Os comensais deviam comê-lo em pé e devidamente trajados para uma longa viagem (v. 11). Nos tempos de Jesus, conforme indica Raphael Martins,[7] a cerimônia pascal havia recebido a influência dos gregos e dos romanos que celebravam seus ágapes, não como escravos, mas como um povo livre e independente, ou seja, comiam recostados em divãs providos de almofadas.

O *Pesach* significa na língua hebraica "passar por cima", "passar por sobre". Na língua portuguesa foi traduzida por "Páscoa". O *Pesach* surgiu em face da tradição de que o anjo destruidor, ou anjo da morte, "passou por sobre" as casas cujo sangue do cordeiro imolado assinalava. "Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais... O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós..." (Êx 12.12,13)

A passagem do anjo da morte constituiu a última praga sobre o Egito, forçando o Faraó a libertar o povo hebreu, possivelmente entre os anos de 1400-1200 a.C. O *Pesach*, na descrição de McKenzie, mostra numerosas variantes que apontam para uma origem e desenvolvimento complexos. O *Pesach*, segundo a grande maioria dos estudiosos, era anterior à instituição no capítulo 12 de Êxodo. A festa original era pastoril nos seus primórdios, onde os pastores celebravam o nascimento de ovelhas na primavera; e esse termo também faz alusão à forma como as ovelhas costumam "saltar por cima" dos obstáculos. Seja como

for, por meio da historização, a Páscoa se tornou a grande festa nacional de Israel, que celebrava sua constituição como povo de Iahweh, acentua McKenzie.[8]

"... naquela noite, comerão a carne assada no fogo; com pães asmos e ervas amargas a comerão" (v. 8) Ázimos, no hebraico *maccot*, significa "pães sem fermento". A festa dos "pães sem fermento" está registrada em Êxodo 23.15, ao lado de outras duas. No momento da instituição do *Pesach* ela aparece em correlação com a mesma, como festa histórica que celebra a libertação de Israel da opressão egípcia. O caráter da cerimônia indica que se tratava de uma festa agrícola de agradecimento pelo início da colheita. No Novo Testamento é sempre mencionada em conexão com o *Pesach* (Mt 26.17; Mc 14.12).

Em memória dos sofrimentos dos hebreus no Egito são comidas ervas amargas: chicória, escarola, agrião, salsa, rabanete, amêndoa, tâmara, figo e passa. Esses ingredientes eram misturados com vinagre, formando uma espécie de molho, cor de tijolo (*haroset*, em hebraico), lembrando seu antigo ofício no Egito.

O Rito

O *Pesach* era uma refeição ritualística. Era realizada à noite. Segundo Daniel-Rops,[9] a grande maioria do povo só fazia duas refeições por dia; a primeira muito cedo, antes de sair para o trabalho, e outra quando terminava, ao anoitecer; ao meio-dia faziam apenas um simples lanche e depois dormiam a sesta.

Usando como referência a *Mishná*, que é a primeira parte do Talmude e que consiste em tradições orais e comentários sobre o Pentateuco, o *Pesach* possuía momentos distintos:

1) O *Pesach* iniciava com a morte dos cordeiros, à noitinha de 14 de Nisã. Enquanto os comensais aguardavam que o anho pascal fosse assado, degustavam o primeiro cálice de vinho e a *haroset*.

Cada participante pronunciava a oração ritual: "Bendito sejas, Senhor nosso Deus, que criaste o fruto da vide", juntamente com uma oração específica em agradecimento por aquele dia que findava.

2) No segundo momento, quando o cordeiro já estava sobre a mesa, o chefe da celebração faz um leve esclarecimento sobre o significado litúrgico, uma espécie de atualização e interpretação da história da libertação do Egito, conforme testemunha o livro de Êxodo.[10] Em seguida, todos comiam um naco de carne do cordeiro pascal. Cantava-se então o pequeno Hallel ("Louvor"), que se compunha dos Salmos 112 e 113. Este segundo momento era encerrado com a degustação da segunda taça de vinho e uma segunda oração perpetrada pelo presidente da mesa: "Bendito sejas, Senhor nosso Deus, rei de todo o universo, que livraste os nossos pais do poder do Egito".

3) Após a segunda oração, dava-se início a terceira parte do rito; todos deviam lavar suas mãos. Em seguida, como continuação do cerimonial, o presidente tomava um pão sem fermento e partia-o; comia um pedaço com ervas amargas e distribuía depois aos presentes. Terminada a refeição pascal, tomava-se a terceira taça de vinho e entoava-se a segunda parte do Hallel, Salmos 125—128.

4) No último momento da festa, distribuía-se a quarta taça de vinho e, em seguida, cantava-se solenemente o Grande Hallel, formado pelos Salmos 120 a 138, o mesmo registrado em Mateus 26.30. Era imprescindível que a cerimônia terminasse antes da meia-noite.

NOTAS

[1] DANIEL-ROPS, Henri. *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*, p. 132.
[2] LUCÍRIO, I. D. *As Plantas Viajantes*, p. 47.
[3] DANIEL-ROPS, Henri. Op. cit., p. 132.
[4] LADD, Georg. *Apocalipse*, p. 76.
[5] McKENZIE, John L. *Dicionário da Bíblia*, p. 965.
[6] DUFRESNE, P. *Liturgia da Igreja Doméstica*, pp. 28,29.
[7] GIOIA, Raphael Martins. *O Sacramento da Eucaristia*, p. 15.
[8] McKENZIE, John L. Op. cit., p. 696.
[9] DANIEL-ROPS, Henri. Op cit., p. 137.
[10] Cf. Êxodo 12.25-27.

Capítulo 2

Enraizados em Deus

A celebração da Santa Ceia nos faz festejar a unidade e nos diz que estamos enraizados em Deus, arraigados na divindade: "... permanecei em mim, e eu permanecerei em vós..." (Jo 15.4) A Palestina, com cerca de 26 mil quilômetros quadrados (menor que o Estado de Sergipe), é uma terra de vinhas e a própria videira está associada à vida do povo de Israel. Até mesmo nos portões do Templo foram esculpidas videiras, sem mencionar a época dos macabeus, quando as moedas que circulavam traziam uma videira cunhada nas mesmas.

O Antigo Testamento apresenta Israel como uma videira ou vinha sob o vigilante cuidado de Deus (Sl 80.8-18; Is 5.1-7; Jr 2.21; Ez 15.1-18; 19.10; Os 10.1). O Senhor Jesus, após a instituição da ceia, declara: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor" (Jo 15.1). Jesus aplica a idéia de videira a si mesmo e aponta os seus discípulos como ramos. Cristo é a Videira verdadeira, original, e não Israel.

A celebração da ceia requer permanência em Cristo, como celebração do corpo. Permanecer é um mandamento, uma ordem. E certamente a ceia se torna um ato despojado do seu verdadeiro significado quando seus celebrantes não permanecem em Cristo, não fazem parte da videira, não se alimentam de sua seiva, e, conseqüentemente, "... será lançado fora à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam" (Jo 15.6).

Permanecer na videira é uma questão de vida ou morte. Ou permanecemos nEle ou morreremos; ou somos parte de Jesus ou não somos; ou nos enraizamos em seu caule para termos vida ou secaremos como ramos imprestáveis.

Ceia é celebração da vida. Vida para quem permanece na videira; vida para quem está enraizado em Jesus; para quem tem a seiva vital correndo em suas veias: "... quem de mim se alimenta por mim viverá" (Jo 6.57).

Não existe vida para quem não é ramo enraizado. Não há celebração da vida para quem não está arraigado na Videira verdadeira. Não há celebração para ramo seco, pois este não celebra.

Talvez uma das razões para tantas mortes espirituais na igreja de Corinto seja a celebração da ceia por parte de ramos secos: "... quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem" (1 Co 11.29,30). O termo grego para

a palavra "dormem" neste texto é *koimontai*, "cair no sono, morrer". E o apóstolo Paulo ainda afirma que o número de pessoas nesta situação era alarmante, "... e não poucos...", no grego *hikanós*, "uma grande quantidade, muitos". Se nos aprofundarmos um pouco mais na análise desta passagem, descobriremos que o verbo aqui está no tempo presente, indicando ou uma ação em progresso ou uma ação repetida. Ou seja, as pessoas que participavam da ceia de maneira indigna o faziam costumeiramente, repetidas vezes. Nunca pararam para fazer uma análise de si mesmos; nunca colocaram suas atitudes e ações em experimento; nunca provaram seu caráter. Se assim fizessem, com certeza, saberiam que não passavam de meros ramos secos, separados da Videira, e auto-alienados da verdadeira celebração do corpo. "Examine-se, pois, o homem a si mesmo..." (1 Co 11.28); "... testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se" (Rm 2.15).

Cear é celebrar o corpo; é festejar "... a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4.3); é demonstrar que estamos "... firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica" (Fp 1.27). Só festeja o corpo quem permanece em Cristo, enraizado nEle, alimentando-se da seiva vital.

Evidentemente que pelo modo como Jesus fala em João 15.2: "Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta...", concluímos que existem ramos na videira que não produzem frutos. Ou seja, estão ligados à videira, fazem parte dela, mas, no entanto, são estéreis, não produzem, não exteriorizam em frutos o que recebem da videira. Produzir frutos é o "tira-teima" para se saber quem permanece em Cristo e quem não permanece; quem verdadeiramente celebra o corpo e quem não celebra; quem está vivo e quem está morto. Produzir é marca de quem celebra o corpo; de quem festeja a vida: "... fazei isto... em memória de mim" (1 Co 11.25).

A produção de frutos é uma atividade contínua; pelo menos é o que nos diz o tempo presente dos verbos gregos usados pelo evangelista João ao transmitir as palavras de Jesus no décimo quinto capítulo de seu Evangelho. Tornamo-nos ramos, enraizados nEle, mediante a fé, arrependimento e batismo. Fomos imersos em Jesus: "... todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes" (Gl 3.27); da mesma forma como as roupas nos vestem, nos envolvem, e de certa forma identificam nossa posição, somos vestidos de Cristo e nos identificamos com Ele. Se de fato permanecemos nEle e celebramos a vida, damos frutos; e se damos frutos é porque fomos imersos em Cristo, batizados nEle, revestidos dEle.

É interessante notarmos que esta roupagem que recebemos quando mergulhamos em Jesus nos denuncia, nos entrega; grita para o mundo que somos diferentes: "... és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia" (Mt 26.73). Esta roupagem exala o bom perfume de Cristo (2 Co 2.15); não há como esconder, está impregnado, embebido em nós. Na celebração do corpo não há meio-termo, meia posição, em cima do muro; ou somos ramos frutíferos ou ramos mortos; ou celebramos a vida conscientes de quem verdadeiramente somos, ou nos tornamos cristãos kamicases, suicidas (1 Co 11.29-31). A ceia tem esse toque de decisão, de certeza do que se faz; convicção do que se celebra. Na verdade, algumas pessoas não têm ciência deste axioma; participam de modo indigno quando o faz prenhe de indecisão. Transformam, para si mesmos, os elementos da ceia em elementos de juízo.

"Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto..." (Jo 15.16) A idéia de frutificação, repetida diversas vezes por Jesus após a celebração da ceia, devia encher os corações dos discípulos de plena certeza de sua função como ra-

mos produtivos. Os discípulos não fizeram como os rabinos da época que escolhiam seu mestre. Jesus os escolheu: "... eu vos escolhi..." (Jo 15.16; Mt 10.1; Mc 3.14; Lc 6.13)

"Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato? Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve. Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? O certo é que há muitos membros, mas um só corpo. Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra. Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperam os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam. Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo. A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos: em segundo lugar, profetas; em terceiro lu-

gar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons" (1 Co 12.12-31).

O apóstolo Paulo, 1 Coríntios 12, relata a importância da unidade do corpo: "Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo" (v. 12). O apóstolo enfatiza a unidade. Ela é essencial para que o corpo viva e se desenvolva: "... há muitos membros, mas um só corpo... cooperam os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam" (vv. 20,25,26). Analisando bem este capítulo observamos que não existe lugar para o individualismo, não há vez para o tribalismo: "Eis a razão por que há entre vós muitos... doentes" (1 Co 11.30).

Em sua apologia pela unidade, haja vista que a igreja de Corinto vivia em constantes brigas e em clima de competição, "... eu sou de Paulo... eu, de Apolo..." (1 Co 3.4), o apóstolo dá uma aula de anatomia, pelo menos para sua época, ao enfatizar a importância de todas as partes do corpo, inclusive aquelas "mais [fracas]" (v. 22).

A ciência evoluiu. Hoje sabemos que corpo não é somente braços, pernas, mãos, etc. Acredito que até Paulo não se referia somente a membros externos como partes do corpo, isso é óbvio! Embora não conhecendo a fantástica engenharia genética que é o corpo, sabia que todas as partes precisam trabalhar em unidade e desta forma existir como um todo. O bom andamento das funções vitais depende da unidade. Não celebramos a dádiva do Calvário quando não temos consciência de nossa

função como partes do corpo. Sou braço? Sou perna? Ouvido? Ou uma simples célula? — que de simples só possui o nome, pois é uma fantástica máquina genética! De qualquer forma, sendo braço, célula ou apenas uma mitocôndria, sou corpo, tenho a unidade como fator essencial da vida.

Esta fantástica analogia paulina torna-se ainda mais surpreendente quando a analisamos detalhadamente. O nosso corpo possui cerca de cinqüenta bilhões de células, e isso sem mencionar o incalculável número que existe em nossa medula óssea! Todas agindo para o bem-estar do corpo.

Diariamente trava-se em nosso corpo uma verdadeira guerra contra vírus e bactérias que infestam o ambiente. Já imaginou quantas bactérias podem estar escondidas na borda de um copo com água? Com certeza milhares. Já imaginou se as células do nosso organismo não agissem em unidade nesta cotidiana luta microscópica? Certamente deixaríamos de existir.

Continuando com a analogia do apóstolo Paulo, somos ensinados acerca da função que cada parte exerce. O que adiantaria unidade se as partes unidas não desempenhassem sua função? O nosso organismo possui os *leucócitos*, também chamados de *células brancas*, que de certa forma têm a função de deter certos "invasores"; é desta forma que funciona o nosso *sistema imunológico*. Se as células não desempenhassem sua função, a unidade delas não garantiria o equilíbrio do corpo. Não valeria a pena os membros inferiores e superiores estarem unidos ao corpo se não funcionassem; para que serviriam as mãos, se não pudessem apalpar? Os ouvidos, se não pudessem ouvir? Os olhos, se não pudessem enxergar? E as pernas, se a locomoção não existisse? É necessário que os membros do corpo desempenhem sua função.

"A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; de-

pois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas" (1 Co 12.28). Paulo faz questão de ser claro ao afirmar que cada cristão, independe de sua posição, possui uma função específica e definida dentro do corpo. "Ora, vós sois corpo de Cristo; e, *individualmente*, membros deste corpo" (v. 27, grifo meu). Você e eu temos funções e devemos exercê-las na unidade do corpo; é isto que celebramos no partir do pão e no compartilhar do vinho; não somos independentes e nem melhores que ninguém. Não existe membro sem importância. O que é uma célula? A olho nu, nada! Ao microscópio, contudo, fator essencial da vida e da existência.

A consciência desta verdade deve estar presente na celebração da ceia. Negá-la é nos tornarmos doentes. Quantos crentes doentes você conhece? Eles estão por toda parte. Deixaram-se envolver pelos marasmos da vida; perderam a visão do céu e de si mesmos; não sabem mais quem são; não conseguem mais discernir o corpo. Discerni-lo é termos a visão do céu; é enxergarmos a nós mesmos como partes vitais do corpo e dependentes uns dos outros (v. 25).

Por vezes tenho ouvido alguns crentes dizerem que deixaram de participar da ceia porque se aborreceram em casa, no trabalho, ou até mesmo a caminho da igreja, achando-se indignos do pão e do vinho. Acredito que muitas vezes enchemos a ceia de tantos misticismos a ponto de perdermos de vista seu real significado. Preocupamo-nos tanto com o cisco do olho alheio e nos acomodamos com a viga que atrapalha a nossa visão, que distorce a realidade do céu e nos cega para nós mesmos, nos impedindo de ser corpo, de celebrar a unidade.

Acredito que um dos maiores erros — e minha classificação não é baseada no erro em si, mas em suas conseqüências — — é perder a noção de quem somos: "... quem come e bebe sem *discernir* o corpo, come e bebe juízo..." (v. 29, grifo meu)

"Estavam no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniqüidade em ti... Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor..." (Ez 28.13-15,17) Este é, sem dúvida, um dos episódios mais tristes que encontramos na Bíblia acerca de alguém que esqueceu quem era. O querubim da guarda, também chamado em Isaías 14.12 de "Estrela da Manhã", "Filho da Alva", desejou ser aquilo que não poderia: "... Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14.13,14). Sua sentença foi imediata: "Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo" (v. 15). É interessante como o mesmo sentimento foi usado para que o homem pecasse. "Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.4,5).

Quem somos? Esta é a indagação ontológica dos filósofos. Diz alguém que se a Igreja fosse arrebatada neste exato momento, levaria algum tempo até que o mundo percebesse sua ausência. Acredito que não existe engano e nem hipérbole nesta afirmação. Quem somos? Esta continua sendo a pergunta definidora neste início de século. Temos sido tudo, e, em poucos casos, Igreja.

A Igreja é, acima de tudo, um organismo vivo. Diversos elementos vivos compõem este corpo místico. Como o corpo humano que possui diversos tipos de células — de gordura, cartilaginosas, musculares, vermelhas, etc. — todas interagindo para que o corpo subsista, a Igreja é viva, composta por pessoas com personalidades diversas e únicas em si. Particularmente, acredito que se não fosse a fé que adquirimos ao ouvir o evangelho (Rm 10.17), seria impossível acreditar na unidade da Igreja, e acharíamos louca a petição de Jesus: "... que eles sejam um, assim como nós" (Jo 17.11). Como pode um organismo composto por uma gigantesca variedade alcançar a unidade? Andar no mesmo passo, ter a mesma afinação, possuir o mesmo sentimento, o mesmo perfume. Isto é a Igreja, "os chamados para fora" (gr. *ekklesía*), o grupo dos "não auto-escolhidos".

Eu não me escolhi. Não me auto-elegi para ser santo. Não estou no corpo porque sou bonzinho. Estou no corpo porque Ele me escolheu (Jo 15.16), e o seu critério de escolha é completamente diferente do nosso: "... os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos" (Lc 14.21). Esses são os tipos de pessoas convidadas ao banquete, chamadas a cear. No banquete que Jesus oferece não há lugar para os perfeitos, para os não-pecadores, para os não-necessitados da graça, para os não-necessitados da mão que ampara.

Quem somos? Participamos do corpo porque somos dignos? Nossas qualidades morais motivaram a Jesus em sua escolha? Certamente que não.

O que temos notado nestes últimos tempos é uma completa amnésia de *quem somos*. Faz-se necessário, e de maneira urgente, uma auto-análise, uma autópsia do nosso caráter, uma reavaliação de nossas atitudes cristãs para verificarmos se verdadeiramente estamos exercendo nosso papel como Igreja,

organismo vivo, composto por elementos vivos e conscientes de quem somos.

A celebração da ceia é um apelo urgente à auto-análise, ao não-esquecimento. Na ceia é proibido esquecer: "... fazei isto em memória de mim" (1 Co 11.24), ou seja, "Não esqueçam de mim, não esqueçam quem sou". E a proibição do esquecimento se estende ao homem, ao celebrante: "Examine-se, pois, o homem a si mesmo..." (v. 28), quer dizer, "Não esqueça de você mesmo, não esqueça quem és".

Capítulo 3

Pedro, Você Esqueceu?

O apóstolo Pedro é, sem dúvida, um dos personagens mais controversos das Sagradas Escrituras. O seu temperamento forte lhe causou grandes problemas. Não podemos negar que Pedro ocupou uma posição de primazia entre os demais apóstolos. É mencionado com mais freqüência e aparece em primeiro lugar na lista dos doze (Mt 10.2; Mc 3.16; Lc 6.14-16; At 1.13), além de ser descrito como um dos mais chegados a Cristo, ao lado de Tiago e João (Mt 17.1-9; 26.37-49; Mc 5.37).

Foi uma coluna nos primeiros anos da Igreja Primitiva, agindo com pulso firme durante aqueles dias críticos.

Chamo Pedro de controverso pelo fato de querer demonstrar aquilo que não era. Evidentemente, com este currículo apresentado acima, qualquer pessoa se sentiria privilegiada. Porém, esse é o problema. Quando achamos que somos privilegiados, os mais abençoados de toda a igreja, não somos capazes de ver nossas vulnerabilidades, fraquezas e falhas, tão comuns a qualquer ser humano. Alguns chegam ao cúmulo de acreditar que Deus possui filhos privilegiados, aqueles a quem Ele ama mais em detrimento dos outros (At 10.34; Rm 2.11; Gl 2.6; Ef 6.9; Cl 3.25). Acredito que se tal pensamento fosse verdade Jesus não teria morrido no Calvário e nem passaria pelos escárnios que antecederam seu martírio.

Infelizmente, vivemos dias críticos. Há em nosso meio uma completa inversão de valores. Nossas igrejas estão repletas de "caçadores-de-bênçãos". Ser "abençoado" tornou-se a divisa, a marca distintiva de quem está no centro da vontade de Deus. A confusão, em certo sentido, está na má interpretação da palavra "bênção". Em nossa atmosfera capitalista da era pós-moderna, bênção está intrinsecamente ligada à prosperidade material. Hoje, em algumas igrejas, o maior milagre não é a conversão de um homem, mas sim, sua ascensão econômica. Isto é bênção, o resto faz parte da "casta dos pecadores".

Certa ocasião, estava assistindo a um determinado programa evangélico transmitido pela TV — um culto de testemunhos muito comum em algumas igrejas brasileiras —, e alguns irmãos testemunhavam acerca de bênçãos recebidas. Em determinado momento, um certo irmão levantou-se e começou o seu testemunho dizendo que antes era amaldiçoado pelo fato de ser um mero empregado em uma determinada empresa

paulista, mas agora havia sido verdadeiramente abençoado porque não era mais empregado, e sim, patrão.

Você já imaginou quantos pais de família, servos de Deus, sustentam sua prole sendo empregados nos mais variados tipos de emprego? Nesta confusão de valores invertidos não se sabe mais distinguir *bênção* e *maldição*, parece que nossos ouvidos estão agravados a ponto de não podermos distinguir a voz do Sumo Pastor da voz tenebrosa do mercenário (Jo 10.14).

O mundo está cheio desses pensamentos completamente antibíblicos acerca da atuação de Deus e até mesmo do próprio Deus, do seu caráter. Este tipo de teologia dever ser rejeitada, expulsa de nossas igrejas, banidas de nossa liturgia. Teologias baseadas pura e simplesmente em bênçãos e prosperidade não servem para a edificação e nem conduzem o homem a Deus.

Precisamos de uma teologia puramente bíblica, sem confusão, sem marasmos, sem máscaras. Precisamos de uma teologia que coloque as coisas nos seus devidos lugares. Uma teologia que coloque Deus como Senhor e nós como servos; Deus como Pai e nós como filhos; Deus como Criador e nós como criaturas; Deus como Oleiro e nós como vasos; Deus como cabeça e nós como membros.

Devemos ter consciência de quem somos e de quem Ele é. Chega dessa teologia que alimenta-se de promessas de prosperidade e bênçãos materiais a qualquer custo, que procura subjugar a soberania de Deus à vontade humana, impondo-lhe que nos satisfaça todos os desejos e vontades; como se fôssemos eternos e Ele mortal; como se fossemos senhores e Ele servo; como se fossemos pais e Ele filho; como se fossemos criadores e Ele criatura; como se fossemos oleiros e Ele vaso; como se fossemos cabeça e Ele membro.

O crente que desfruta de verdadeira maturidade espiritual ora, não para receber uma dádiva, mas para comungar com

Deus. Ou seja, à medida que nos envolvemos com Deus, amadurecemos e, conseqüentemente, nossa maneira de orar vai perdendo esse caráter utilitarista, que inverte os valores e confunde os papéis, nos transformando de coadjuvantes a pseudoprotagonistas. Na celebração da ceia, festejamos a comunhão, solenizamos o que Ele é.

O esquecimento, que para o homem constitui-se um defeito e, potencialmente, um convite ao pecado, na divindade revela-se uma demonstração de graça e misericórdia: "... dos vossos pecados jamais me lembrarei" (Jr 31.34; Hb 8.12). Este mesmo Deus que não tolera o pecado, cuja santidade o separa do pecado, por seu infinito amor, é capaz de esquecer-se de todos os nossos pecados, se tão-somente os confessarmos e deles nos arrependermos.

Deus invade nosso mundo, toma nossa forma, veste nossas roupas, sofre nossos sofrimentos, morre nossa morte — Emanuel, Deus conosco (Is 7.14; Mt 1.27). Humano, mais humano que os homens. Acolhe, ampara, compreende, perdoa... esquece.

O Jesus que o evangelista João nos descreve na ceia é puramente humano, disposto a esquecer a trama da traição, caso o traidor busque o arrependimento no momento certo: "... Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas..." (Jo 13.26) Sim, arrependimento tem o seu momento certo. As ações humanas devem se adequar ao calendário de Deus. "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de

afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz" (Ec 3.1-8).

Jesus é divinamente humano. Emanuel, Deus na experiência humana, que participa de nossa carne e sangue (Hb 2.14), serviu-se de nossos trajes: "... o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1.14). O Verbo veio para o cenário humano.

Confesso que a humanidade de Jesus me assusta, me faz pensar que não sou humano. Para ser humano, preciso ser como Jesus de Nazaré e, talvez, seja esse o sentido do apelo de Paulo aos crentes de Corinto: "Sede meus imitadores, como também sou de Cristo" (I Co 11.1). Ser humano é ser como Jesus de Nazaré.

Capítulo 4

Judas e o Bocado Molhado

A última Páscoa que Jesus celebrou em companhia dos seus discípulos, na véspera de seu martírio, não foi um ato isolado, excepcional. Muito pelo contrário, nos revela sua familiaridade com a cultura vigente e insere-se na linha histórica das reuniões e ceias que Jesus comumente realizou com diferentes pessoas, em momentos distintos. Segundo alguns estudiosos, Cristo comeu com pecadores e pobres para simbolizar que eles eram os primeiros convidados ao banquete no Reino

dos céus. Comeu com publicanos e pecadores para expressar a reconciliação em volta de sua mesa, e isto escandalizava muitas pessoas (Lc 15.1,2). Alimentou multidões famintas, multiplicando o pão, que distribuiu a todos, para simbolizar que o Reino de Deus era abundância, precisamente para aqueles que hoje passam fome (Mc 6.34); não é por acaso que o evangelista João descreve o anúncio da ceia depois de uma multiplicação de pães (Jo 6).

O momento da ceia é especial, sublime. Reveste-se de um significado profundamente majestoso. Não foi por acaso que todos os eventos ocorridos naquela celebração aconteceram. Cada gesto estava carregado de simbolismo e anúncio profético.

Os primeiros dias daquela angustiante semana, chamada por alguns de "Semana da Paixão", foram marcadas por combates cruéis. Os principais sacerdotes e os escribas procuravam uma oportunidade para condenarem Jesus à morte (Lc 22.2). E Judas era uma peça-chave para a sua trama, sendo aquele que os levaria até Jesus, buscando "... uma oportunidade para lho entregar sem alvoroço" (v. 6).

Quinta-feira, 14 de Nisã,[1] no "primeiro dia dos pães asmos",[2] os discípulos chegaram a Jesus e perguntaram-lhe: "Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa?" E Jesus lhes respondeu: "Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos" (Mt 26.17-19; Mc 14.12-16; Lc 22.7-13). Os evangelhos sinópticos narram esse episódio com propriedade, sendo Marcos o mais rico em detalhes. A tarefa era sigilosa. Lucas é o único escritor a revelar o nome dos discípulos imbuídos de tal tarefa: Pedro e João (Lc 22.8). Certamente a sigilosidade da tarefa tinha por objetivo privar Judas de saber, antecipadamente, o local exato da reunião.

Um cordeiro foi escolhido, macho, branco, de um ano, sem defeito algum, como exigia a lei sacrificial. O pão da "pressa", "sem tempo", feito às carreiras, símbolo da saída do Egito. Ervas amargas, símbolo da triste experiência dos quatrocentos anos de jugo egípcio. Tudo precisava ser lembrado.

Jesus e seus discípulos agiram como uma família, ao se prepararem para a celebração pascal. Nos quatro ângulos do Templo, levitas empunhando trombetas forjadas em prata aguardavam o momento exato para tocá-las, e desta forma dar início à festa pascal. A cidade inteira aguardava o início da solenidade. O abate do anho, originalmente era feito pelo líder da família, depois se tornou trabalho dos sacerdotes ou levitas que oficiavam no Templo.

Os cordeiros eram sacrificados pelos vitimários. O sangue de todos esses cordeiros era recolhido em salvas, feitas em ouro ou prata, e depois entornado em lugar próprio, junto ao altar do Templo. Seguindo a matança dos cordeiros no pátio principal, cantava-se os salmos rituais; os cordeiros eram então evolvidos em suas próprias peles e levados aos lares hebreus.

Os dois discípulos comissionados, Pedro e João, já haviam preparado tudo naquela quinta-feira. Chegaram pela manhã à casa do anônimo hospedeiro, que alguns pesquisadores conjeturam ser Nicodemos ou até mesmo o senador José de Arimatéia. Jesus e os demais discípulos foram à tarde. Justino Mártir, em sua *Apologia*,[3] afirma que mais ninguém, além de Jesus e os discípulos, se encontravam no interior do cenáculo. Era uma refeição familiar, partilhada apenas entre Jesus e os apóstolos. O ex-padre e pastor batista, Raphael Martins, em sua obra *Ceia ou Missa?*, nos diz que uma lenda muito antiga afirma que Marta e Maria suplicaram, porém em vão, licença para participar da ceia. O certo é que a cerimônia era restrita aos discípulos; a partir daquele momento uma nova fase na histó-

ria cristã seria escrita e os discípulos seriam os principais propagadores da mensagem mais sublime de toda a História.

Não podemos determinar ao certo a ordem dos discípulos à mesa durante aquela celebração. De acordo com o relato bíblico, contudo, entendemos que João ocupava um lugar privilegiado ao lado do Senhor, podendo até reclinar a cabeça sobre seu peito (Jo 13.25). Segundo Henri Daniel-Rops: "A procedência era rigorosamente observada à mesa, e em vários lugares o evangelho mostra que os judeus eram meticulosos nesses assuntos: se alguém ocupasse um lugar superior ao que merecia, o dono da casa logo lhe pedia que mudasse para outro de menor importância. A mesa mais importante ficava no centro, de frente para o espaço vazio reservado para os empregados. Ela nunca era ocupada por mais de três pessoas, e o lugar de honra ficava na *parte superior* da mesa, isto é, à direita do anfitrião, que se reclinava no centro... O próprio dono da casa servia aos hóspedes, cada um por sua vez, escolhendo as porções de acordo com a posição de cada um".[4] Sendo assim, podemos conjeturar que os dois lugares mais especiais — à direita e à esquerda do anfitrião na mesa central — estavam ocupados por Judas e João, este à esquerda e aquele à direita de Jesus. Certamente, Pedro encontrava-se em uma das extremidades da mesa, a certa distância da mesa central, pois, segundo o próprio João, ele acenou dizendo-lhe que perguntasse acerca da identidade do traidor (Jo 13.24); a isto se pode somar o fato de que Pedro era um dos responsáveis pelos preparativos da Páscoa, e provavelmente foi um dos últimos a sentar-se à mesa antes do início da celebração.

Judas Iscariotes Participou da Ceia?

A celebração da Páscoa já havia começado, quando Jesus fez a bombástica declaração: "Em verdade vos digo que um

dentre vós me trairá" (Mt 26.21). Neste exato momento todos os discípulos se entreolham, desconfiados, sentimentos confusos. Afinal de contas, quem seria o traidor? Tal ato deveria ser inconseqüente; somente alguém fora de si o faria, "... porventura, sou eu, Senhor?" (v. 22), começaram a interrogá-lo sobre a identidade de quem o trairia. O traidor estava ali à mesa. "Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar" (Sl 41.9), profetizava Davi a respeito daquele momento.

Uma das perguntas que geralmente se faz é: "Judas Iscariotes participou da Santa Ceia?" Grande parte dos estudiosos afirma que Judas participou da celebração da Páscoa, deixando o cenáculo momentos antes da instituição da Santa Ceia como memorial perpétuo da nova aliança (Hb 10.9). O cordeiro pascal e todos os elementos que faziam parte daquela celebração, em primeira instância, estavam inseridos no contexto histórico da libertação da opressão egípcia (Êx 12.24-28); e, em segunda instância, aludiam profeticamente à obra redentora do Messias, profetizada há cerca de quatro mil anos antes de Cristo (Gn 3.15).[5] No entanto, Cristo institui uma nova celebração, não mais com os antigos elementos, mas com pão e vinho, símbolos do seu corpo e sangue, memorial de sua obra vicária. Estes elementos, ainda que fossem conhecidos por todos os judeus que celebravam a Páscoa, trariam um novo sentido — estavam inseridos numa nova realidade — e aludiriam a uma nova esperança: "... anunciais a morte do Senhor, até que ele venha" (1 Co 11.26).

Segundo os textos de Mateus 26.20-25, Marcos 14.17-21 e João 13.21-30, Judas participa da celebração da Páscoa, ausentando-se após receber o bocado molhado. Nesta mesma linha de pensamento, Paulo, em sua célebre "Instrução quanto à celebração da Ceia do Senhor", em sua Primeira Carta aos

Coríntios, declara: "Por semelhante modo, depois de haver *ceado*..." (v. 25, grifo meu) A palavra "ceado", no grego, *deipnêsai*, significa "jantar", "tomar a refeição principal", indicando que tanto o pão quanto o vinho, que fariam parte da nova celebração, foram dados aos discípulos após o *prato principal* da Páscoa — o cordeiro. Evidentemente, Cristo, como um bom judeu, não se omitiria em participar de tão especial celebração para o povo israelita. Ademais, o apóstolo Paulo insere a celebração da ceia no momento em que a traição de Judas estava em andamento, "... na noite em que foi *traído*, tomou o pão..." (v. 23, grifo meu) *Perédidoto*, ou "traído", é o imperfeito passivo de *paradidomi*, "entregar", "trair". O imperfeito implica que essa traição ainda estava em andamento no momento em que Jesus institui a ceia como memorial de sua morte redentora.

O evangelista Lucas é o único escritor neotestamentário que insere a cena da indicação do traidor após a instituição da Santa Ceia (22.19-23), dando a entender que Judas participou tanto da Páscoa judaica, quanto da Santa Ceia cristã. No entanto, para lançar luz sobre essa questão, devemos levar em conta o fato de que Lucas utilizou o Evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito,[6] como esboço histórico básico para seus escritos. Segundo Papias, um dos pais da Igreja antiga e discípulo de João, o propósito de Marcos era a instrução espiritual, e não fazer uma crônica artística dos acontecimentos. Embora a ordem do material de Marcos pareça ser, em linhas gerais, cronológica (Lc 1.3), ele não se ateve a isto. Desta forma, a intenção de Lucas era estabelecer a inocência política de Jesus sob as leis romanas[7] e mostrar que o evangelho é universal. Sendo assim, de acordo com Anthony Lee Ash, ao escrever sobre a seqüência dos elementos na Santa Ceia narrada por Lucas (22.14-23), "pode ser que a ordem dos elementos não fosse considerada importante, mas foi importante que Jesus tivesse transformado

esta refeição judaica devocional em um memorial perpétuo do que Ele era e estava fazendo".[8]

Judas certamente não estava presente na sublime celebração. O momento era restrito aos amigos de Jesus, os que o amavam e desejavam segui-lo por toda a vida. A Bíblia nos diz que Judas amava o dinheiro (Jo 12.6) e a única vez que se pronunciou foi para censurar Maria, irmã de Lázaro, que acabava de prestar o mais alto serviço de amor e humildade que o Senhor recebeu das mãos de seus amigos (Jo 12.3-6).

O Bocado Molhado

Queriote, localidade de Moabe (Jr 48.24), a pouco mais de vinte e dois quilômetros ao sul de Hebrom, e a vinte e cinco quilômetros a oeste do mar Morto, era uma cidade como outra qualquer, não fosse a referência a um de seus filhos — Judas Iscariotes, no hebraico *Ish-Querioth*, "Homem de Queriote". Escolhido para o colégio apostólico, Judas tinha nas mãos as mais inacreditáveis oportunidades; afinal de contas, Jesus o havia escolhido para um elevado ofício: cuidar das finanças do grupo apostólico. Certamente possuía características que justificassem sua escolha.

Seguindo as pegadas de Judas durante o ministério público de Jesus, podemos delinear o perfil deste, que será lembrado por toda a história como o "traidor". Suas atitudes gananciosas revelam profundas feridas, veias maléficas que o acompanharam durante toda a vida. Judas era o único dos discípulos de Jesus que não provinha da Galiléia; era de Queriote, Judéia. Os habitantes da Judéia desprezavam os naturais da Galiléia como rudes colonizadores de fronteiras. Essa atitude pode ter alienado Judas Iscariotes do grupo apostólico, dificultando sua relação com os demais discípulos. Tais fatores sedimentariam, levando-o a um fim trágico (At 1.18).

Durante a construção da catedral de Notre-Dame, em Paris, dois talhadores de pedras trabalhavam quando um passante pergunta-lhes o que estão fazendo. Um deles responde: "Estou quebrando pedras". E o outro diz: "Estou construindo uma catedral".[9] A diferença entre os dois talhadores de pedra é a orientação do coração. Não somos apenas talhadores de pedras, algo grandioso está em construção. Palavras e atitudes revelam o que guardamos em nosso íntimo. Se considerarmos o ser humano como uma casa, o porão seria o local onde se guardariam todos os sentimentos ruins, pensamentos que se quer esquecer. O porão é o lugar dos objetos esquecidos. Coisas que não usamos com freqüência e, às vezes, nunca usamos. Guardamos no porão os utensílios de um ente querido que já não está entre nós, cuja lembrança nos remete aos momentos tristes da perda e, no entanto, não temos coragem de nos desfazer deles. É ali que, na imaginação fértil das crianças, escondem-se os monstros e vilões mais terríveis. O porão os mantém confinados à escuridão do esquecimento.

O oposto do porão é o sótão. Ali as coisas são diferentes. Os monstros imaginários das histórias infantis não ocupam o sótão. Afinal de contas, ali guardamos objetos que possuem utilidades freqüentes, coisas que precisam ser vistas, tocadas, lembradas; as fotos de casamento, os brinquedos do filho que agora cresceu, as cartas recebidas que merecem ser relidas, lembranças que nos trazem prazer. O contraste é evidente, o sótão é em cima, o porão, embaixo. Aquele guarda sentimentos bons que devem ser lembrados; este, sentimentos ruins que devem ser esquecidos.

O porão da alma é uma realidade que não deve ser negada. Nele os sentimentos são guardados, e quantos Judas não acumulou! Sentimentos que adoecem, corroem como câncer. Precisamos descer ao porão e enfrentar o problema de frente. Escondê-lo, trancafiá-lo, não resolverá a questão. Não se cura

uma ferida fingindo sua inexistência, o máximo que se consegue é protelar o desfecho trágico.

Lembro-me do capítulo três de Gênesis. Adão e Eva haviam desobedecido a Deus, e experimentaram, pela primeira vez, o gosto amargo do erro, a triste sensação de saber que erraram o alvo ("pecado", no grego é *hamartía*, "errar o alvo"). Deus então os procura, perguntando: "Onde estás?" (v. 9) A onisciência de Deus cede lugar à confissão humana. Adão expõe seu erro, enfrenta o problema: "... estava nu, tive medo, e me escondi" (v. 10). "Confessar", no original grego, é *homologéo*, "concordar com a declaração de outrem". Quando confessamos o nosso erro, concordamos que somos fracos, frágeis e dependentes do Senhor. Não podemos conviver com mágoas apodrecendo em nosso interior. Não se consegue viver por muito tempo quando "cardos" e "abrolhos" crescem e infestam os porões da alma. Eles não permanecem lá por muito tempo; um dia sobem as escadas, forçam a porta, quebram as trancas e invadem todos os espaços da casa. Era o que Judas precisava fazer. Abrir o porão da alma, deixar que a verdadeira luz, que não se vê, mas que nos permite ver, iluminasse suas decisões, e a história seria outra.

Jesus sabia da situação de Judas. E o momento decisivo era aquele, antes da instituição da ceia, no partilhar do anho pascal. Após a revelação da presença de um traidor, e das insistentes interrogações sobre sua identidade, um gesto inesperado: o bocado molhado é dado a Judas (Jo 13.26). O gesto, segundo o costume judaico, indicava que a pessoa que recebia o bocado molhado era a mais especial da festa, depois do anfitrião. Mais do que a indicação de Judas como traidor, um ato de misericórdia.

A palavra "bocado", no grego, *psomion*, não aparece em nenhuma outra passagem no Novo Testamento, só aparece aqui,

momentos antes da ceia. O ato de Jesus pode ser entendido como um apelo final para que Judas abandonasse seu intento de traição e agisse como verdadeiro discípulo.

NOTAS

[1] Corresponde a 6 de abril. Segundo alguns pesquisadores, Jesus foi crucificado no ano 30 da era cristã.

[2] Havia sete dias durante os quais os judeus não podiam comer pão fermentado, desde o dia 14 até o dia 21 do mês de Nisã.

[3] MARTIR, Justino. *Apologia*, I, 66.

[4] DANIEL-ROPS, Henri. Op. cit., p. 138.

[5] Na interpretação das passagens bíblicas, devemos levar em consideração uma das regras fundamentais da Hermenêutica: "O texto no contexto para não virar pretexto". O isolamento do texto de sua situação literária e histórica conduz o leitor a cair num dos extremos: ou manipular a Bíblia à vontade, ou produzir dela uma leitura rígida e abstrata. Por esta razão, deve-se levar em conta a aplicação primária e secundária dos textos bíblicos.

[6] GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*, pp. 85,105.

[7] O Dr. Robert Gundry, atestando este fato, pontua a narrativa lucana sobre o episódio do julgamento perante Pilatos, onde o governador romano, repetidas vezes, absolveu a Jesus de qualquer culpa (Lc 23.1-25).

[8] ASH, Anthony Lee. *O Evangelho Segundo Lucas*, p. 303.

[9] LELOUP, Jean-Yves e BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto*, p. 103.

Capítulo 5

Mistério da Piedade: Deus conosco

Em tão simples e humilde gesto de partir o pão e compartilhar o vinho, Deus se revela em toda a sua grandeza e magnificência, cujos atributos de sua natureza divina, não obstante a sua glória e majestade, são também manifestos em sua bondade e graça. Desta forma, o mistério da piedade, neste simples gesto seu, nos coloca diante da suprema realidade: "... vemos como em espelho, obscuramente..." (1 Co 13.12, ARA) Nosso modo de ver é outro. A posição determina a ótica das coisas. Mas, então, como nos diz o apóstolo Paulo, um dia "veremos face a face... conhecerei como também sou conhecido".

Emanuel, Deus conosco. Divindade que se fez carne para nos mostrar um caminho mais excelente e nos dizer que o final desta formação nossa, deste projeto inacabado chamado "homem", tem sua plenitude no outro lado do espelho.

O que nos cabe é a "parte", a nossa parte. O mistério da piedade, desvelado na celebração da Santa Ceia, aponta para um futuro próximo em que a "parte" deixará de existir e o todo será a parte que nos cabe, "... nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus" (Lc 22.16). Plenamente, sem véu, sem reflexo, face a face.

Do lado de cá do espelho só sabemos uma coisa: Deus.[1] Somos apenas imagens, fotografias, plásticas da divindade... eternos aprendizes.

"... e Armou Tenda entre Nós"[2]

Jesus Cristo é definitivamente o lugar perene da presença de Deus entre os homens e expressão perfeita da humanidade que volta livremente para seu supremo Criador. Ele é o ápice do projeto decisivo de Deus: *habitar entre os homens.*

A criação humana foi o início desse arrojado projeto divino; um longo processo que não terminou no primeiro sopro de Deus nas narinas de Adão. A criação foi imediata, "... homem e mulher os criou" (Gn 1.27), mas é preciso que continuemos a buscar a Deus, para que Ele nos "aperfeiçoe em toda a boa obra" (Hb 13.21). Ainda há muito que fazer no sentido de crescermos mais e mais no conhecimento do Senhor.

Este processo de formação é gradativo e requer de nós constância: "... até que cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13).

Habitar conosco. Fazer morada entre nós. Este projeto audacioso vem se realizando em distintas fases da revelação

bíblica. Resguardo aqui a relação estrita *Revelação/Mistério*, de Paul Tillich.

A palavra "revelação", que significa "remover o véu", segundo Tillich, foi tradicionalmente usada para designar a manifestação de algo escondido que não pode ser alcançado através de formas ordinárias de se obter conhecimento. Em sua obra clássica *Teologia Sistemática*, ele escreve:

"Há um uso mais amplo da palavra na linguagem cotidiana que é bastante vago: alguém revela um pensamento escondido a um amigo, uma testemunha revela as circunstâncias de um crime, um cientista revela um novo método que foi testado por longo tempo, um *insight* vem a alguém como "revelação". Em todos esses casos, contudo, a força das palavras "revelar" e "revelação" é derivada de seu sentido próprio e mais estrito. Uma revelação é uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está escondido de forma especial e extraordinária. Esse ocultamento freqüentemente é chamado "mistério". Algo que perderia sua própria natureza se perdesse seu caráter misterioso. "Mistério", em sentido próprio, é derivado de *muein*, "fechar os olhos", ou "fechar a boca".[3]

A compreensão do objeto exige "abrir os olhos" e "abrir a boca" para um conhecimento comum. Porém, um genuíno mistério só é possível pela postura inversa. "Os olhos são fechados porque o genuíno mistério transcende o ato de ver, de confrontar objetos cujas estruturas e revelações se apresentam a um sujeito para seu conhecimento".[4]

A manifestação da divindade, em carne e osso, constitui-se a grande incógnita da piedade. Espaço aberto aos diálogos com as diferentes possibilidades de se falar de Deus e de sua relação com os homens. Deus intervém, já de princípio, na história dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, dirigindo seus passos na preparação de um espaço onde seu propósito divino se

realizaria. A manifestação de Deus é esporádica, Ele vem e se retira. Após o êxodo, a presença de Deus se intensifica um pouco mais; porém, ainda é passageira e a favor de um único povo (Êx 29.45).

A Arca da Aliança se constitui a presença de Deus entre os homens durante um bom tempo. E essa idéia de esporadicidade estava virtualmente associada à própria arca. Segundo J. Briend, quando Davi construiu um palácio para si, à maneira dos soberanos de seu tempo (2 Sm 5.11), manifestou-se a intenção de instalar Deus em um templo, por meio da arca, como os deuses cananeus. O profeta Natã intervém (2 Sm 7) e, em nome de Deus, recusa a construção de um templo em Jerusalém porque, segundo a tradição das tribos, a arca não se prende a um lugar, mas conserva a liberdade de movimentos, que é o próprio Deus.[5] Alguns anos depois, ainda no século X a.C., Salomão edifica o Templo de Jerusalém, cumprindo a profecia de Natã (1 Rs 8.17-25); porém, aquele Templo era apenas um outro anúncio profético de uma realidade que ainda está por vir (vv. 12,13).

O relato do apóstolo João é fascinante: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós..." (Jo 1.14). O verbo grego *eskenosen* significa "... fez sua tenda..." O Verbo se fez carne e armou tenda entre nós. A manifestação de Deus não seria mais uma nuvem gloriosa e esporádica sobre o Templo de Jerusalém, ela agora tomara forma em Cristo. E com Ele o verdadeiro Templo de Deus se fez presente entre nós, não feito por mãos de homens (Jo 21). O Senhor definitivamente desce para ficar conosco (Fp 2.7) e jamais abandonará a humanidade que uma vez assumiu e fez sua.

O *Mistério da Piedade* é vislumbrado quando paramos de caminhar em direção oposta ao caminhar de Deus. Enquanto estivermos caminhando para Emaús, como os discípulos desorientados (Lc 24.13ss), nada fará sentido. É necessário, para

sentar à mesa com o misterioso Caminhante, olhar em seus olhos e contemplar o partir do pão.

A habitação do Verbo entre nós possibilitou de uma vez para sempre a verdade que os sacrifícios do Antigo Testamento tencionavam: O *movimento descendente* de Deus em direção ao homem e o *movimento ascendente* do homem em direção a Deus.

DEUS

Movimento Descendente

JESUS CRISTO

Movimento Ascendente

HOMEM

A iniciativa sempre é divina, o primeiro passo sempre é de Deus. Foi Ele quem nos amou primeiro e nossas atitudes só podem ser lidas corretamente como resposta livre a esse amor. Todo o nosso universo está centrado na fala. Somos seres logocêntricos; tudo o que falamos está em conexão direta com palavras pronunciadas.

Deus é Palavra. É Verbo. A Palavra passa a fazer parte dos sentidos. Deus pára de falar e passa a ser visto, tocado, sentido pelos homens. "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Fp 2.5); "em vós", no grego, *en hymin*, "na vossa comunidade" de fé e amor, "na vossa vida comum".

A presença de Cristo na ceia deve ser, antes da mudança do sentido que o pão e o vinho expressam naquele momento, a mudança das pessoas que fazem parte da celebração. O movi-

mento ascendente é expresso no "comer a carne e beber o sangue de Cristo"; significa deixar-se imbuir de sua causa, projetos e objetivos e aceitar seu processo conflitivo e seu destino.

NOTAS

[1] BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 15.

[2] Cf. João 1.14, a expressão "... habitou entre nós" (no grego, *eskénosen en hemin*) significa "armou uma tenda", "passou a viver numa tenda".

[3] TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*, p. 97.

[4] Ibid.

[5] BRIEND, Jacques. *Uma Leitura do Pentateuco*, p. 12.

Capítulo 6

Ceia, Sacramento ou Ordenança?

A grande maioria das igrejas de tradição pentecostal concordam entre si que Cristo legou à Igreja duas observâncias: o batismo em águas e a Ceia do Senhor. Quanto a esta, a Igreja Católica Romana, durante o Concílio de Trento, no século XVI, reafirmou sua crença nos sete sacramentos: o batismo, a Ceia do Senhor, a oração, a confirmação, o casamento, a penitência e a extrema-unção, chamada desde o Concílio Vaticano II de "unção dos enfermos". Estes dois ritos históricos da fé cristã são naturalmente chamados de "sacramentos" ou "ordenanças".

O termo "sacramento" não aparece nas páginas das Escrituras Sagradas nem possui equivalente na língua grega — idioma em que foi escrito o Novo Testamento. O termo aparece no latim, *sacramentum*, algo "santo", "sagrado", "consagrado". Designava o juramento prestado pelo soldado ao seu superior, por ocasião do seu alistamento. O reformista João Calvino (1509-1564 d.C.) diz que a igreja cristã primitiva tomou este termo para designar o ato pelo qual Jesus Cristo (o comandante) admite cada novo crente (soldado) em sua Igreja (exército).

O sentido propriamente teológico do termo aparece, pela primeira vez, com Tertuliano (155-222 d.C.), ao referir-se ao "sacramento da fé", ao "sacramento da água" e ao "sacramento da eucaristia". Tertuliano usou a palavra para designar fatos sagrados, sinais misteriosos e salutares, atos santos que servem de veículo. A Vulgata, tradução do grego para o latim, feita por Jerônimo, perto do fim do século IV d.C., usa a palavra *sacramentum* para traduzir *mystêrion*,[1] que se refere às coisas relacionadas ao mistério da encarnação de Cristo. O termo, de acordo com a citação de Michael L. Dusing, veio a acrescentar uma conotação um tanto reticente, misteriosa às coisas consideradas sagradas.

O termo "ordenança" também tem suas raízes na língua latina, *ordo* (*inis*), "ordem", relativa a *ordinare*, "ordenar". Dessas raízes é que nasce a palavra *ordinan* (*antis*), "ordenança". Relacionado à ceia, a palavra sugere que essa cerimônia foi instituída por mandamento, ou "ordem", de Cristo.

As igrejas evangélicas preferem usar o termo "ordenança" para apontar os seus ritos, uma vez que não aceitam a idéia de que as cerimônias sejam canais da graça divina, conforme sugere o termo "sacramento". As ordenanças aludem a alguma realidade espiritual, mas não são, de forma alguma, veículos que reproduzam essa realidade.

Santa Ceia: Concepções

A ceia é fator de união e ao mesmo tempo, de ruptura. É fator de união pelo fato de ser um rito estabelecido por Jesus. E virtualmente todos os ramos do cristianismo a praticam. Porém, no que se refere à interpretação do rito, os vários grupos divergem entre si. Essa ruptura, em alguns casos, constitui-se a identidade de determinados grupos.

A Igreja Católica Romana defende a posição tomada no Concílio de Trento. Ou seja, (1) a *Transubstanciação* é usada para explicar a mudança metafísica dos elementos da ceia em corpo e sangue de Cristo. Alguns estudiosos católicos dizem que no decreto sobre o sacramento da eucaristia, não foi dito que o termo "transubstanciação" era parte necessária da definição. Ao contrário, o concílio simplesmente disse que esse era um modo mais adequado para expressar a mudança que se realiza nos elementos. De qualquer forma, mesmo os teólogos católico-romanos reconhecem quão infeliz é aquela palavra, que tem gerado tanto mal-entendido no decorrer da História.

(2) Um outro princípio que revela a concepção católica romana sobre a ceia é de que o rito abrange um ato sacrificial, ou seja, o sacerdote, independentemente do sacrifício de Cristo realizado no Calvário, oferecia um novo sacrifício a Deus, apresentando o próprio sacrifício de Cristo.

(3) O *Sacerdotalismo* é um outro princípio da concepção católica romana sobre a ceia segundo este princípio; a presença de um sacerdote ordenado é de capital importância para a realização da celebração. Sem ele, os elementos não são consagrados e, conseqüentemente, não existe a transubstanciação dos mesmos em verdadeiro corpo e sangue de Cristo, haja vista que somente o sacerdote poderia repetir as palavras de Cristo, e estas, com base no postulado teológico do *ex opere operato*,

tornavam-se efetivas e realizavam os mesmos prodígios efetuados por aquelas que saíram dos próprios lábios de Jesus durante seu ministério terreno.

As igrejas de confissão luterana negam a transformação mística dos elementos. Martinho Lutero acreditava na co-presença e coexistência do corpo e do sangue de Cristo sob o pão e o vinho durante a celebração da Santa Ceia.

Desde a publicação de seus sermões sobre os sacramentos da igreja católica, em 1519, Martinho Lutero não cessou de divulgar suas idéias sobre os sacramentos, especialmente sobre os que se relacionavam à celebração da Santa Ceia. Sendo assim, em 6 de outubro de 1520, publica o escrito latino *De Captivitate Babylonica Ecclesiae Praeludium*[2] (Do Cativeiro Babilônico da Igreja),[3] onde usa a analogia de uma barra de ferro aquecida no fogo para expressar a interpretação de uma substância noutra. O ferro e o fogo ocupam o mesmo espaço.

O termo "consubstanciação", do latim *com* (com) e *substantia* (substância), não foi criado por Lutero, e sim, pelos luteranos ortodoxos posteriores. O reformador também nega a idéia de ceia como sacrifício e a centralização sacerdotal na celebração.

João Calvino, teólogo francês e líder eclesiástico e denominacional, critica a idéia da presença física ou corpórea de Cristo na celebração da ceia. Para ele, a presença de Cristo na celebração é espiritual. Essa presença ou influência, nas palavras de Louis Berkhof, "... apesar de real, não é física, mas, sim, espiritual e mística; é medida pelo Espírito Santo e está condicionada ao ato de fé pelo qual o comungante recebe simbolicamente o corpo e o sangue de Cristo..."[4]

Além disso, segundo Millard J. Erickson, citando Berkhof, "... embora os elementos dos sacramentos signifiquem ou representem o corpo e o sangue de Cristo, fazem mais que isso.

Eles também selam. A Ceia do Senhor sela o amor de Cristo para os crentes, dando-lhes a certeza de que todas as promessas da aliança e as riquezas do evangelho são deles por doação divina. Em troca de um direito pessoal e de uma verdadeira posse de toda essa riqueza, os crentes expressam a fé em Cristo como Salvador e prestam obediência a Ele como Senhor e Rei".[5] Essa concepção até hoje é mantida pelas igrejas de confissão calvinista (Reformada).

Ulrich Zwínglio, reformador suíço, nascido em 1484 em Wildhaus, São Gal, foi o criador da concepção zwingliana sobre a ceia. Diferentemente de todos os outros pontos de vista comentados até o presente momento, Zwinglio ensinava que a presença de Cristo na ceia dava-se através da comunidade presente na celebração, ou seja, a transubstanciação ocorria não nos elementos (pão e vinho), mas na congregação reunida: "... pelo Espírito que age na pregação do culto, ocorre, não simbolicamente, mas verdadeiramente, uma transubstanciação, uma mudança da comunidade... no *Verum Corpus Christi*".[6] Ele nega a presença corporal de Cristo, mas afirmava a presença espiritual trazida para a ceia através da fé do celebrante.[7]

NOTAS

[1] Cf. Efésios 1.19; 3.3-9; 1 Timóteo 3.16, etc.

[2] LUTERO, Martinho. *Do Cativeiro Babilônico da Igreja*, p. 29.

[3] O título é uma referência altamente crítica à igreja católica, pois afirma que o povo de Deus está sendo mantido cativo como outrora o fora o povo israelita no exílio egípcio.

[4] BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*, p. 660.

[5] ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*, p. 470.

[6] Citado por Jaques Courvosier, in: ZWÍNGLIO. *Théologien Réformé*. Delachaux & Niestlé, p. 82.

[7] ERICKSON, Millard J. Op. cit., p. 471.

Capítulo 7

A Celebração na Igreja Primitiva

Em alguns meios evangélicos a celebração da ceia é recheada de práticas pomposas e vazias de significação. Percebemos, através da leitura bíblica e estudo das práticas da Igreja Primitiva, que muita coisa se perdeu ao longo dos séculos que separam o momento da instituição do rito e a nossa realidade. O conteúdo e a forma como a Igreja Primitiva celebrava a Santa Ceia era relativamente simples, talvez pelo fato da ênfase estar no significado dos poucos elementos (pão e vinho) e na simplicidade dos gestos. O oposto do que se observa hoje, onde a

pluralidade dos gestos, tais como: cabeças baixas, silêncio, contrição, olhos fechados, testas franzidas, lágrimas, nos lembram exéquias, não uma celebração.

Na celebração da ceia pela Igreja Primitiva o que estava em destaque não era meramente a liturgia que envolvia o culto, mas a fagia dos componentes semânticos que eram partes centrais de toda a celebração. O fundamental era a forma como liam o momento; a maneira como interpretavam os gestos, singelamente copiados da primeira celebração realizada por Cristo momentos antes do suplício. "Tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras" (Mc 14.26).

Sempre que devotamos lugar de destaque ao memorial em si, ou seja, aos atos litúrgicos da ceia em detrimento da semântica dos elementos, temos um ato fúnebre; basta observarmos o clima em que se deu a instituição do rito: tristeza e apreensão. Talvez seja essa a razão que levou João Crisóstomo (347-407 d.C.) a pregar contra a pouca freqüência aos cultos de Santa Ceia.

Durante o primeiro século da era cristã, os cultos eram realizados no domingo (At 20.7; 1 Co 16.2), o dia do Senhor (Ap 1.10). Neste dia realizavam-se dois cultos. Um de manhã, fazendo parte da liturgia a leitura dos textos sagrados, exortação feita pelo presbítero, cânticos e orações (Cl 3.16; Ef 5.19). E outro na parte da noite, chamado *ágape* ou "festa do amor". No segundo momento deste culto realizava-se a ceia propriamente dita, com os elementos que simbolizavam o corpo e o sangue de Cristo.

Já na parte final do primeiro século, a *festa do amor* já havia desaparecido e a ceia passou a ser celebrada nas primeiras horas da manhã, conforme indica Plínio, o Moço, em uma de suas cartas ao imperador Trajano.

Plínio escreveu cerca de trezentas e sessenta cartas (*epistulae*), formando dez volumes, escritos entre 97 e 109 d.C.

No livro X, carta 96, onde se queixa de que os templos pagãos estavam vazios, pois multidões estavam abraçando o cristianismo, afirma que examinou cristãos sob tortura forçando-os a dizer tudo quanto desejava saber. Desta maneira ficou sabendo que os cristãos se reuniam antes do amanhecer, participando de uma refeição em comum.

Segundo a *Primeira Apologia de Justino Mártir*, o culto começava com a leitura das *Memórias dos Apóstolos* ou dos *Escritos dos Profetas*; seguia então a explanação do texto lido. A comunidade ficava de pé para a oração. Os elementos da ceia eram dedicados por ação de graças[1] e oração, seguindo de "amém" proferido pelos presentes. A ceia era então distribuída pelos diáconos. De acordo com o *Didaqué* — manual de ensinamentos dos primitivos cristãos, escrito provavelmente antes de 150 d.C. —, somente os batizados podiam participar da celebração da Santa Ceia, contrariamente ao que fazem algumas comunidades evangélicas que distribuem os elementos da ceia a todos quantos assim o desejam, sem nenhum critério de comunhão e compromisso com o corpo de Cristo. Após a ceia, os presentes se despediam com o ósculo santo. Os cristãos que não podiam estar presentes ao culto de ceia recebiam a comunhão em casa.

A idéia de Igreja, para a comunidade primitiva, era expressa na celebração e vivida na relação comunitária. Segundo Júlio H. de Sant'Ana, citando Philip Potter, a comunidade é sinônimo de repartir o que somos e o que temos. A base de nossa fé é um Deus que se repartiu através de sua criação da humanidade e da natureza.

O Reino de Deus é a realidade e a promessa desta comunidade que já partilha do ser da Deidade. Quando Paulo em 2 Coríntios 8—9 apela às facções rivais na igreja de Corinto para que repartam seu bem-estar com a igreja-mãe pobre de Jerusa-

lém, emprega todos os termos-chave da fé: Graça e ação de graças (*cháris*), alegria (*chara*), amor (*ágape*), serviço (*diakonia*), igualdade (*isotes*), bênção (*eulogia*), generosidade de coração aberto (*haplores*) e comunhão (*koinonia*). Ele resume tudo isso dizendo:

> [...] na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo e pela liberalidade com que contribuís para eles e para todos, enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós. Graças a deus pelo seu dom inefável! (1 Co 9.13-15, ARA)

Repartir nossos recursos, sejam quais forem, é uma confissão do evangelho de Cristo e uma oração de obediência na qual glorificamos a Deus e contribuímos para criar e manter uma verdadeira comunidade.

A igreja não era uma estrutura de ferro e concreto como temos hoje, onde a arquitetura pomposa, que exibe luxo e riqueza, faz contraste com a igreja de carne e osso que passa necessidade e jaz esquecida.

Será que verdadeiramente estamos celebrando a autêntica Santa Ceia, festejando o corpo de Cristo na unidade do Espírito? Será que os elementos da celebração representam a essência do culto de Santa Ceia ou são apenas apêndices de tal reunião?

Segundo Oscar Cullmann, a ceia não era apenas *parte integrante*, mas a *base* e *objetivo* de cada reunião realizada pelos cristãos primitivos. Rudi Zimmer, citando Mário Rehfeldt, diz que na igreja antiga, a Santa Ceia constituiu o *ponto culminante* do culto cristão. É no momento da celebração da ceia que se reavalia a unidade e a comunhão cristã. É por esta razão que a celebração da ceia sucedia a *festa do amor* durante os primei-

ros anos da igreja. Realizava-se a ceia com o pão e o vinho utilizados na *festa do amor*, onde os membros partilhavam os alimentos que traziam numa verdadeira festa de amor e confraternização, celebrando a *comunhão horizontal* profetizada por João: "... se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1.7).

Segundo alguns estudiosos, só podiam participar da celebração da Santa Ceia os cristãos que participavam da *festa do amor*. Ou seja, não bastava somente ser batizado nas águas, era necessário desenvolver a comunhão cristã. Era necessário participar dos sofrimentos e lutas dos demais irmãos na fé como verdadeiro corpo de Cristo, "para que não haja divisão no corpo, mas, antes, tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijem com ele" (1 Co 12.25,26).

O apóstolo Paulo condenou enfaticamente o egoísmo dos que participavam da *festa do amor* sem a unanimidade proporcionada na comunhão horizontal. "Sede unânimes entre vós..." (Rm 12.16) Segundo o apóstolo, alguns cristãos participavam do banquete antes dos demais chegarem para a celebração. "Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia..." (1 Co 11.21) Eles pegavam o que haviam trazido e não deixavam os outros — os pobres — comerem de sua parte, deixando um saldo lamentável: "... e assim um tem fome, e outro embriaga-se" (1 Co 11.21).

A celebração da Santa Ceia exigia que seus celebrantes desenvolvessem a comunhão fraterna, que vivessem o verdadeiro sentido do evangelho na perfeição da unidade cristã (Jo 17.23). Segundo os primitivos cristãos, a verdadeira comunhão com Deus, a *comunhão vertical*, só seria possível mediante a

comunhão com os demais irmãos da comunidade onde se vive a fé. "Se alguém diz: Eu amo a Deus e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?" (1 Jo 4.20). Aliás, o perdão mediante o sangue de Cristo só se efetiva mediante a comunhão (1 Jo 1.7).

NOTA

[1] No grego *eukaristía*, "gratidão", "ação de graças". Por isso algumas igrejas utilizam-se do termo "eucaristia" para se referirem ao momento da ceia.

Capítulo 8

A Ceia na Idade Média

Durante a Idade Média, que de acordo com a cronologia tradicional dos historiadores situa-se entre os séculos V e XII, a celebração da ceia tomou rumo diferente. A teologia escolástica é, sem dúvida, a explicação sintaticamente sistemática da liturgia sacerdotal celebrada nas catedrais, mosteiros e capelas da Idade Média, pelo menos no Ocidente. Mas ainda ficamos sem saber, e isso se constitui um quebra-cabeça, como ocorreu essa clericalização da liturgia da celebração da ceia e, conseqüentemente, da ceia em si, pois ambas estão essencialmente interligadas.

No período medieval, a participação na celebração da ceia era restrita ao sacerdote, ao contrário do ocorrido nos primeiros séculos onde havia a participação da assembléia local. Nesta época, encontramos autores como Leão Magno e o já mencionado João Crisóstomo, que exortavam o povo à comunhão regular. Podemos dizer que o fator que legou o povo à periferia da liturgia foi a língua. O latim se tornara a linguagem do clero, da liturgia. O acesso à celebração da ceia passou a acontecer através da devoção das espécies consagradas, tornando-se a realidade dos elementos da ceia primária para a população em geral.

Um outro fator, citado por alguns teólogos, que poderia explicar essa mudança da participação da assembléia local dos primeiros séculos para a exclusividade sacerdotal da Idade Média, era a pecaminosidade significativa de multidões de batizados ainda não iniciados que clamavam por propiciação, os quais o clero ajudava a tomar plena consciência de sua situação e estado de pecado. Ao sacerdote cabia oferecer sacrifício pelos pecados do penitente no nome e na pessoa de Cristo. O sacerdote tornara-se o centro da liturgia da ceia medieval, que na pessoa de Cristo consagrava e oferecia sacrifícios, tendo ele o poder para anular os pecados dos fiéis pela ação sacramental.

Segundo o teólogo espanhol J. Espeja, durante este período chegou-se a celebrar missas para comutar penitências, a modo de tarifas, e multiplicaram-se as ordenações de presbíteros para atender à demanda de missas. Celebrava-se a Santa Ceia para compensar penas do purgatório, aplacar a cólera do Todo-Poderoso e atrair seus favores. Alguns sacerdotes chamados *altaristas* tinham por missão repetir vez ou outra o rito sacrificial da ceia.[1]

Em sua *Summa Theologiae*, Tomás de Aquino diz que a teologia da ceia durante o período escolástico era teologia do sacerdote e para o sacerdote, não teologia para os iniciados.

A devoção às espécies, o pão e o vinho, exigia uma explicação sobre a presença real de Cristo e como esta presença se realiza, já que tal presença se efetivava através das palavras do sacerdote, que eram, na verdade, as palavras do próprio Cristo. Usando algumas categorias do pensamento aristotélico para explicar a diferença entre presença em figura, e levando em consideração que o pensamento simbólico — que poderia afixar o figurado na figura — estava em declínio, a presença de Cristo na ceia passou a ser explicada como a mudança substancial.

O concílio da igreja católica, realizado em Trento (1546-1563), definiu no decreto sobre o sacramento da eucaristia a presença real de Cristo e a transformação do pão e do vinho no verdadeiro corpo e sangue de Jesus. Concernente à sacrificialidade da ceia católica, assim reza o documento Tridentino:

> [...] Um sacrifício não só de louvor e de ação de graças, nem simples lembrança do que se deu na cruz, mas também propiciatório; não aproveita só quem o recebe, mas deve ser oferecido por vivos e defuntos; pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades.[2]

> [...] Uma só e a mesma é a vitima, e aquele que agora se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu a si mesmo na cruz; o que muda é somente a maneira de oferecer-se.[3]

Os reformadores contestaram, entre outras coisas, a concentração nos atos sacramentais da consagração e sacrifício, bem como a veneração dos elementos pelos fiéis. Repudiavam a associação feita entre linguagem de sacrifício e linguagem de propiciação. Era inaceitável a idéia de repetição do sacrifício de Cristo pelo sacerdote no ato da celebração. Para eles, o sacrifí-

cio perfeito e vicário era o de Cristo, cabendo à celebração da ceia tornar a misericórdia e o perdão disponíveis aos celebrantes. A tônica da ceia deveria girar em torno da ação de graças e autodoação.

As divergências em torno da ceia durante a Idade Média alcançaram o ápice na penúltima parte desse período, culminando na separação entre igreja oriental e ocidental, tornando-se uma das divisões mais sérias nestes vinte séculos de história da cristandade.

NOTAS

[1] ESPEJA, Jesús. *Para Compreender Los Sacramentos*.
[2] DS 1753.
[3] DS 1743.

Capítulo 9

Colóquio em Marburgo

Historicamente, ao longo dos séculos a controvérsia em torno da Santa Ceia tem se mantido, e os conflitos desencadeados, em razão das muitas divergências, acabaram por levar a divisões até mesmo entre os reformistas. No século XVI, os debates em torno do tema romperam a unidade do protestantismo, e ainda que se tentasse restabelecê-la, isto jamais foi possível. A ceia sempre foi e ainda continuará a ser fator de ruptura.

Em *Do Cativeiro Babilônico da Igreja*, conforme já mencionamos, Martinho Lutero desenvolve sua compreensão acerca da Santa Ceia, confrontando as posições tradicionais da Igreja Católica Romana. As idéias de Lutero não foram aceitas por todos, principalmente as que versavam sobre a celebração da ceia.

Desde 1524 até o fim de sua vida, o reformador alemão ocupou-se com essa questão, defendendo sua posição da presença real de Cristo na ceia em oposição aos adeptos da concepção simbólica, que tinha como principais defensores, ao lado de Ulrich Zwinglio, André Bodenstain (1480-1541), João Ecolampádio (1482-1531), Gaspar Schwenckfeld (1489-1561) e João Bugenhagen (1485-1558), os quais Lutero chamava, em alemão, de *Schwarmgeister*. Esta palavra, *Schwarmgeister*, ou simplesmente *Schowarmer* — que significa "enxamear" —, designa a saída de um enxame de sua colméia, à procura de outro lugar. A idéia de desordem é expressa pelo verbo. Na aplicação feita por Lutero designava pessoas com pensamentos teológicos desconexos e confusos, sendo, pois, em conexão com abelhas em alvoroço, nocivos para os demais cristãos. Não é difícil imaginar o conceito que Lutero fazia dos teólogos que se opunham à sua concepção de Santa Ceia.

De todos os debates calorosos sobre a Santa Ceia, podemos citar o ocorrido em Marburgo, em 1529, quando o zwinglianismo começou a caminhar separado do luteranismo.

O debate entre Lutero e Zwinglio ocorreu por ocasião das Dietas de Espira. Felipe de Hessen, magoado por ouvir os papistas repetirem: "Vangloriai-vos de vosso amor à pura Palavra de Deus e, contudo, sois divididos", propusera aos teólogos dos diferentes partidos uma reunião em Marburgo. O êxito da Reforma Protestante dependia da união de todos os discípulos da Palavra de Deus. Como resistir ao Império e a Roma se os protestantes estavam divididos?

A unificação de opiniões era, antes de tudo, uma tarefa bastante difícil. Nas palavras de J. H. D'aubignê: Na manhã de sábado (2 de outubro), o landgrave ocupou o seu assento no salão, rodeado de sua corte, mas vestido com tanta simplicidade que ninguém o teria tomado por príncipe. Desejava fugir a toda aparência de estar desempenhando o papel de um Constantino nos negócios da igreja. Diante dele achava-se uma mesa, da qual se aproximaram Lutero, Zwinglio, Melancton e Oecolampadius.

Lutero, apanhando um pedaço de giz e curvando-se sobre a toalha aveludada que cobria a mesa, escreveu quatro palavras, com letras grandes. Todos os olhares acompanhavam o movimento de sua mão, e logo leram: *Hoc est corpus meum.*[1] Lutero desejava ter constantemente diante de si esta declaração, para que ela lhe reforçasse a fé e constituísse uma advertência aos seus adversários.

Atrás desses quatro teólogos sentaram-se os seus amigos — Hédio, Sturm, Funck, Frey, Eberhard, Thane, Jonas, Cruciger e outros. Jonas lançou um rápido olhar aos suíços dizendo:

— Zwinglio tem certa rusticidade e arrogância;[2] se é bem versado nas letras, tal se dá sem levar em conta Minerva e as musas. Em Oecolampadius há bondade natural e admirável mansuetude. Hédio parece ter tanta tolerância quanto delicadeza; no entanto, Bucer possui a manha de uma raposa, sabendo dar-se ares de sagacidade e prudência.

Os homens de índole moderada muitas vezes recebem pior tratamento que os dos pontos extremos. Outros sentimentos animavam os que acompanhavam de longe esta reunião. Os grandes homens que haviam conduzido o povo em seus passos nas planícies da Saxônia, nas margens do Reno e nos majestosos vales da Suíça, lá estavam frente a frente. Os chefes da cristandade, que se tinham separado de Roma, achavam-se reuni-

dos para averiguar se poderiam continuar a ser um só corpo. Por conseguinte, preces e olhares ansiosos de todas as partes da Alemanha voltavam-se para Marburgo.

— Ilustres príncipes da Palavra![3] — bradava a igreja evangélica, pela boca do poeta Cordus.

— Perspicaz Lutero, afável Oecolampadius, magnânimo Zwinglio, piedoso Snepf, eloqüente Melancton, intrépido Bucer, sincero Hédio, preclaro Osíander, denodado Brentz, benévolo Jonas, vívido Craton, cuja alma é mais poderosa que o próprio corpo, grande Dionísio e vós, Micônio, todos vós a quem o príncipe Felipe, esse nobre herói, convocou, vós, ministros e bispos, a quem as cidades cristãs enviaram para pôr fim ao cisma e mostrar-nos o caminho da verdade: a Igreja súplice cai, em pranto, aos vossos pés, implorando-vos, pelas entranhas de Jesus Cristo, que leveis este assunto a um feliz desfecho, para que o mundo reconheça em vossa decisão o trabalho do próprio Espírito Santo![4]

Tendo-lhes lembrado o chanceler do landgrave, João Feige, em nome do príncipe, que o objetivo da conferência era o restabelecimento da união, falou Lutero:

— Declaro que, quanto à doutrina da Santa Ceia, discordo dos meus adversários, e sempre discordei deles. Disse Cristo: "Isto é o meu corpo". Que me provem que um corpo não é um corpo. Recuso raciocínio, senso comum, argumentos mundanos e provas matemáticas. Deus está acima da matemática. Temos a Palavra de Deus; devemos respeitá-la e cumpri-la.

— Não se pode negar — disse Oecolampadius — que há figuras de retórica na Palavra de Deus, tais como, *João é Elias*, *a pedra é Cristo*, *Eu sou a Videira*. A expressão "Isto é o meu corpo" é uma figura do mesmo gênero.

Lutero admitiu que havia figuras de retórica na Bíblia, porém contestou que esta última locução fosse de sentido figu-

rado. Todas as demais partes de que se compõe a igreja cristã vêem, no entanto, uma figura de retórica nessas palavras. De fato, os papistas afirmam que "Isto é o meu corpo" significa não só "meu corpo", mas também "meu sangue", "minha alma" e, mesmo, "minha divindade", "Cristo integralmente". Tais palavras, de acordo com Roma, são, portanto, uma sinédoque, tropo pelo qual uma parte é tomada pelo todo. É, pelo que toca aos luteranos, a figura de linguagem é ainda mais evidente. Seja sinédoque, metáfora, ou metonímia, há ainda, uma figura. A fim de provar isso, Oecolampadius empregou o seguinte silogismo:

— O que Cristo rejeitou no capítulo 6 de S. João não poderia admitir nas palavras da eucaristia. Ora, Cristo, dizendo ao povo de Cafarnaum que "a carne para nada aproveita", rejeitou, por meio daquelas palavras, a manducação bucal de seu corpo. Logo, Cristo não estabeleceu este ato ao instituir a Santa Ceia.

Lutero: — Nego a menor (a segunda dessas premissas); Cristo não rejeitou toda manducação bucal, mas apenas uma certa manducação material, como a da carne bovina ou suína.

Oecolampadius: — Há perigo em atribuir demasiado a tão simples assunto.

Lutero: — Tudo quanto Deus ordena se transforma em espírito e vida. Se, por ordem do Senhor, levantarmos uma palha, executamos um trabalho espiritual. Devemos prestar atenção ao homem que fala, e não àquilo que ele diz. Deus fala: "Homens, vermes, ouvi!" Deus ordena: "Que o mundo obedeça!" Que todos nós, juntos, nos prosternemos e humildemente beijemos a Palavra!

Oecolampadius: — Mas, uma vez que temos o alimento espiritual, qual é a necessidade do alimento material?

Lutero: — Não pergunto que necessidade temos dele; vejo-a, porém, declarada: "Comei, isto é o meu corpo". Logo, deve-

mos crer e obedecer. Devemos obedecer! Devemos obedecer! Se Deus me ordenasse comer esterco, eu o faria com a certeza de que seria salutar.

A esta altura, Zwinglio interveio na discussão, dizendo:

— Devemos explicar Escritura por Escritura. Não podemos admitir duas espécies de manducação material, como se Jesus houvesse mencionado comer, e os habitantes de Cafarnaum, fazer em pedaços, pois a mesma palavra é empregada em ambos os casos. Diz Jesus que comer a sua carne, materialmente, para nada aproveita (Jo 6.63); daí resultaria que Ele nos dera, na Santa Ceia, algo que nos seria inútil. Além disso, existem certos vocábulos que me parecem pueris. O esterco, por exemplo. Os oráculos dos demônios eram obscuros; assim não são os de Jesus Cristo.

Lutero: — Quando Cristo diz que a carne para nada aproveita, Ele não se refere à sua própria carne, mas à nossa.

Zwinglio: — A alma sustenta-se com o Espírito, e não com a carne.

Lutero: — E com a boca que comemos o corpo, não o come a alma.

Zwinglio: — O corpo de Cristo é, então, alimento físico, e não espiritual.

Lutero: — Vós sois capciosos.

Zwinglio: — Isso não; mas vós proferis contradições.

Lutero: — Se Deus me apresentasse maçãs silvestres, eu as comeria espiritualmente. Na eucaristia, a boca recebe o corpo de Cristo e a alma crê em suas palavras.

Zwinglio citou, então, numerosas passagens das Sagradas Escrituras, onde se descreve o símbolo pela própria coisa significada, daí inferindo que, considerando a declaração de Jesus no Evangelho de João que "a carne para nada aproveita", devemos explicar as palavras da eucaristia de maneira idêntica.

Muitos ouvintes ficaram perplexos com tais argumentos. Entre os professores de Marburgo, sentava-se o francês Lambert. Seu corpo, alto e magro, agitou-se intensamente. A princípio, fora da opinião de Lutero, e agora vacilava entre os dois reformadores. Ao ir à conferência, dissera:

— Desejo ser uma folha de papel em branco, na qual o dedo de Deus possa escrever a sua verdade.

Em breve, após ouvir Zwinglio e Oecolampadius, exclamava:

— Sim! O Espírito é o que vivifica!

Quando se soube dessa conversão, os habitantes de Witemberg, encolhendo os ombros, denominaram-na "volubilidade gaulesa". Respondeu-lhes Lambert:

— Foi S. Paulo volúvel, porque se converteu do farisaísmo? Fomos nós próprios volúveis, ao abandonarmos as corrompidas seitas do papismo?

Lutero, no entanto, não se abalou, absolutamente.

— Isto é o meu corpo — repetiu, apontando com o dedo as palavras escritas diante de si. — "Isto é o meu corpo". O próprio Diabo não me moverá desta declaração. Tentar compreendê-la, é abjurar a fé.

— Mas, doutor — disse-lhe Zwinglio —, S. João explica de que maneira se come o corpo de Cristo, e sereis forçados, por fim, a deixar de cantar sempre a mesma cantiga.

— Usais de expressões descorteses — retorquiu-lhe Lutero — os próprios habitantes de Witemberg clamavam de *sua velha cantiga* ao arrazoado de Zwinglio.

Este, sem se perturbar, continuou:

— Pergunto-vos, doutor, se Cristo, no capítulo 6 do Evangelho de João, não quis responder à pergunta que lhe fora apresentada.

Lutero: — Mestre Zwinglio, desejais fazer-me calar com a presunção de vossa língua. Essa passagem não vem a este caso.

Zwinglio (apressadamente): — Perdão, doutor; esta passagem vos degola.

Lutero: — Não vos gabeis tanto! Estais em Hassen, não na Suíça. Neste país, não degolamos pessoas.

Voltando-se, então, para seus amigos, Lutero queixou-se acrimoniosamente de Zwinglio, como se este, de fato, tivesse desejado cortar-lhe o pescoço.

— Ele emprega linguagem de acampamento e palavras sanguinárias — disse.

Lutero esquecia-se de que empregara idêntica expressão ao se referir a Carlstadt. Zwinglio recomeçou:

— Também na Suíça há justiça severa, mas não degolamos homem algum, sem julgamento. Essa expressão significa simplesmente que a sua causa está perdida, desesperada.

Grande alvoroço dominou o Salão Nobre. A rispidez dos suíços e a pertinácia dos saxônios haviam entrado em conflito. O landgrave, temendo ver o malogro do seu plano de conciliação, aprovou o esclarecimento de Zwinglio, fazendo um sinal com a cabeça.

— Doutor — disse Felipe a Lutero —, não deveis melindrar-vos com essas expressões corriqueiras.

Em vão. O mar agitado não podia acalmar-se de novo. Por conseguinte, o príncipe levantou-se, e todos eles se dirigiram ao salão de banquetes. Findo o jantar, reencetaram os trabalhos.

Falou Lutero:

— Creio que o corpo de Cristo se acha no céu, mas creio também que está na Santa Ceia. Pouco me importa que isto seja contra a natureza, contanto que não seja contra a fé. Cristo está, substancialmente, nesse sacramento, tal como nasceu da Virgem.

Oecolampadius, referindo-se a uma passagem, de S. Paulo:

— "Não conhecemos Jesus Cristo segundo a carne" (2 Co 5.16).

Lutero: — "Segundo a carne", nessa passagem, significa segundo o nosso amor carnal.

Oecolampadius: — Não admitis que haja uma metáfora nestas palavras "Isto é o meu corpo"; contudo reconheceis uma sinédoque.

Lutero: — A metáfora consente na existência de um símbolo apenas; assim não se dá com a sinédoque. Se um homem diz que deseja beber uma garrafa, compreendemos que ele se refere ao conteúdo da garrafa. O corpo de Cristo está no pão, como uma espada na bainha, ou como o Espírito Santo na pomba.

Prosseguia a discussão deste modo, quando Osíander, pastor de Nuremberg, Estevão Agrícola, pastor de Ausburgo, e Brentz, pastor de Halle, na Suábia, autor da célebre *Syngramma*, entraram no salão. Também eles haviam sido convidados pelo landgrave. Entretanto, Brentz, a quem Lutero escrevera pedindo que se abstivesse de comparecer, por certo, devido à sua indecisão, retardara a própria partida, bem como a de seus amigos. Foram-lhes designados lugares ao lado de Lutero e Melancton.

— Prestai atenção; e falai, se for necessário — informaram-nos.

Não tiraram senão pouco proveito de tal consentimento.

— Salvo Lutero, todos nós fomos personagens mudos — disse Melancton.

A porfia prosseguiu. Zwinglio ao ver que a exegese não bastava a Lutero, acrescentou a esta teologia dogmática, e como reforço, a filosofia natural. Proferiu:

— Contradito-vos com este artigo de nossa fé: *Ascendit in coelum*. Ele subiu ao céu. Se Cristo se acha no céu, pelo que respeita ao seu corpo, como pode estar no pão? Ensina-nos a Palavra de Deus que Ele era, em tudo, semelhante aos irmãos (Hb 2.17). Cristo não pode, portanto, estar em vários lugares simultaneamente.

Lutero: — Estivesse eu desejoso de argumentar assim, e comprometer-me-ia a provar que Jesus Cristo teve uma esposa, possuía olhos negros e viveu em nossa boa terra da Alemanha! Pouco me incomodo com a matemática.

— Aqui não se trata de matemática — respondeu-lhe Zwinglio —, mas de S. Paulo, que escreveu aos Filipenses: (e leu em grego) "... Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens..." (Fp 2.7)[5]

Lutero (interrompendo-o): — Lede-nos em latim, ou alemão, não em grego.

Zwinglio (em latim): — Perdoai-me; durante os últimos doze anos, servi-me apenas do Testamento em grego.

Em seguida, continuando a ler a passagem, dela inferiu que a natureza humana de Cristo é de constituição finita, como a nossa.

Lutero, indicando com o dedo as palavras escritas diante de si: — Caríssimos senhores: uma vez que meu Salvador Jesus Cristo diz: "*Hoc est corpus meum*", creio que seu corpo está realmente ali.

A esta altura, a situação animou-se. Zwinglio saltou da cadeira, investiu para Lutero e bradou, esmurrando a mesa diante deste:

— Sustentais, então, doutor, que o corpo de Cristo, localmente, está na Eucaristia, pois dizeis que o corpo de Cristo está realmente *ali, ali, ali* — repetiu — *Ali* é um advérbio de lugar. O corpo de Cristo é, portanto, de tal natureza que está num lugar. Se Ele está num lugar, está no céu, donde se conclui que não está no pão.

Lutero: — Repito que nada tenho a ver com provas matemáticas. Assim que se pronunciam, sobre o pão, as palavras consagradas, o corpo ali se acha, por mais iníquo que seja o ministro que as pronunciar.

Zwinglio: — Neste caso, estais restabelecendo o papismo.

Lutero: — Isso não se realiza pelas virtudes do oficiante, mas por causa da ordenança de Cristo. Quando o corpo de Cristo está em questão, não costumo ouvir falar sobre um lugar específico. Não costumo, absolutamente.

Zwinglio: — Então, tudo tem de existir exatamente como desejais?

O landgrave, percebendo que a discussão estava ficando perigosa, como o repasto os aguardava, suspendeu os debates.

A conferência prosseguiu no dia seguinte, domingo, 3 de outubro, devido, talvez, a uma epidemia que acabara de irromper em Marburgo, a qual não dava lugar a que os debates se prolongassem muito. Voltando à discussão da véspera, disse Lutero:

— O corpo de Cristo está no sacramento, mas ali não se encontra como num lugar.

Zwinglio: — Logo, não está ali, absolutamente.

Lutero: — Dizem os sofistas que um corpo pode muito bem estar em vários lugares simultaneamente. O universo é um corpo; contudo, não podemos afirmar que esteja num determinado lugar.

Zwinglio: — Ah! Mencionais os sofistas, doutor! Realmente, estais, apesar de tudo, obrigado a voltar às cebolas e panelas do Egito? Quanto ao que dizeis, que o universo não se acha num determinado lugar, rogo a todos os homens lúcidos que examinem cuidadosamente tal prova.

Zwinglio, que, dissesse Lutero o que dissesse, tinha mais de uma seta em sua aljava, depois de estabelecer sua proposição pela exegese e pela filosofia, decidiu, então, confirmá-la através do testemunho dos padres da igreja, proferindo:

— Prestai atenção ao que Fulgêncio, bispo de Ruspa, na Numídia, disse, no século V, a Trasamondo, rei dos vândalos:

"O Filho de Deus assumiu as características da verdadeira natureza humana e não perdeu os atributos da verdadeira divindade. Nascido no século, segundo sua mãe, vive na eternidade, consoante a natureza divina que recebe do Pai. Vindo do homem, é homem e, conseqüentemente, num lugar; procedendo do Pai, é Deus e, portanto, presente em todos os lugares. De acordo com a sua natureza humana, ausentou-se do céu, enquanto esteve na terra; e deixou a terra, quando subiu ao céu. Entretanto, de conformidade com a sua natureza divina, Ele permaneceu no céu, ao descer de lá, e não abandonou a terra, ao voltar para lá".

Mas, ainda assim, respondeu-lhe Lutero:

— Está escrito: "Isto é o meu corpo".

Zwinglio, tornando-se impaciente, disse:

— Tudo isso é disputa inútil. Um contestador obstinado poderia também sustentar esta expressão de nosso Salvador à sua mãe, aludindo a S. João: "Eis aí o teu filho". Vão seria toda explicação; ele continuaria a bradar: Não! Não! E Cristo disse: "*Ecce filius tuus*". Eis aí o teu filho! Eis aí o teu filho! Prestai atenção a um outro testemunho. É o do grande Agostinho. "Não pensemos — diz ele — que Cristo, segundo a sua natureza humana, está presente em toda parte; em nosso esforço para determinar-lhe a natureza divina, acautelemo-nos com o separar a sua realidade do seu corpo. Como Deus, Cristo está, agora, em toda parte; todavia, em razão de seu corpo real, Ele está num determinado lugar do céu".

Replicou Lutero:

— Agostinho não se refere à eucaristia nesse trecho. O corpo de Cristo não está na eucaristia como se estivesse num lugar.

Oecolampadius viu que poderia tirar partido desta asseveração da parte de Lutero, e disse-lhe:

— O corpo de Cristo não está localmente na eucaristia; logo, nenhum corpo real está ali, pois todos sabem que a substância de um corpo é sua existência num lugar.

Neste ponto, terminou a discussão da manhã.

Depois de bem refletir, Oecolampadius convenceu-se de que a asseveração de Lutero poderia ser encarada como uma aproximação.

— Lembro-me — disse, após o jantar — que, esta manhã, o doutor admitiu que o corpo de Cristo não se achava no sacramento como num lugar. Indaguemos, então, amigavelmente, qual é a natureza da presença corpórea de Cristo.

— Não me fareis dar um passo a mais! — exclamou Lutero, vendo aonde eles queriam arrastá-lo. — Tendes Fulgêncio e Agostinho do vosso lado, porém os demais padres estão do nosso.

Oecolampadius, que aos de Witemberg pareceu ser abominavelmente cerimonioso, proferiu, então:

— Indicai esses doutores. Nós nos encarregaremos de provar que eles estão conosco.

— A vós, não os indicamos — disse-lhe Lutero, e acrescentou: — Foi em sua mocidade que Agostinho escreveu o que citastes. Além disso, ele é um escritor nada claro.

E, retrocedendo ao terreno que jamais resolvera abandonar, já não se contentando com apontar o dedo para os dizeres "*Hoc est corpus meum*", deitou a mão à toalha aveludada, onde se achavam redigidas estas palavras, arrancou-a da mesa, ergueu-a diante de Zwinglio e Oecolampadius e, pondo-a bem defronte dos olhos destes, disse-lhes:

— Vede! Vede! Este é o nosso lema! Ainda não nos desviastes dele como tendes alardeado! E não nos interessam outras provas!

— Se for este o caso, seria melhor abandonarmos a discussão — aconselhou Oecolampadius. — Antes, porém, desejo de-

clarar que, se citamos os padres, é apenas para eximir a nossa doutrina da acusação de novidade, e não para defender a nossa causa com a sua autoridade.

Nenhuma explicação melhor pode ser dada sobre a legítima finalidade dos doutores da igreja. De fato, não havia razão para prolongar a conferência. "Como Lutero era de gênio obstinado e autoritário" — diz, mesmo, seu grande apologista Seckendorf —, "não cessava de impor aos suíços que se submetessem simplesmente à sua própria opinião".

Alarmado com esse término da conferência, o chanceler exortou os teólogos a que chegassem a um acordo.

— Não conheço senão um meio para isso — disse Lutero —, e esse é: que os nossos adversários creiam em nós.

— Não podemos — responderam-lhe os suíços.

— Bem, então — concluiu o reformador saxônio — deixo-vos ao julgamento de Deus, e rogo para que Ele vos ilumine.

— Faremos o mesmo — acrescentou Oecolampadius.

Enquanto trocavam estas palavras, Zwinglio sentou-se, silencioso, pasmado, profundamente comovido. A intensidade de suas emoções, de que mais uma vez dera provas durante a conferência, evidenciou-se, então, de maneira bem diferente: na presença de todos, rompeu em prantos.

Corações comovidos, achavam-se a um passo da união. Zwinglio, desfeito em lágrimas, na presença do príncipe, dos cortesãos e dos teólogos, aproximou-se de Lutero, estendendo-lhe a mão. As duas famílias da Reforma Protestante estavam a ponto de unir-se, as longas disputas, prestes a serem sufocadas no berço. Mas Lutero recusou a mão que lhe era oferecida.

— Tendes espírito diverso do nosso — objetou Lutero diante do gesto singelo de Zwinglio.

Lutero e Zwinglio — a Saxônia e a Suíça — encontravam-se pela última vez. Daquela data em diante luteranismo e

zwinglianismo tomaram rumos diferentes, e suas concepções sobre a Santa Ceia criaram escolas que perduram até hoje.

Como base para se refutar as idéias equivocadas acerca da Santa Ceia — tanto da transubstanciação do pão e do vinho como a de um mero simbolismo —, o *Comentário Bíblico Pentecostal*, editado pela CPAD, apresenta uma argumentação bíblica para a questão.

A frase "Isto é o meu corpo" (como também "Este é o meu sangue") se qualifica como uma das passagens mais vigorosamente debatidas das Escrituras, que variam desde a interpretação dos católicos romanos de uma transubstanciação, até a visão de Zwinglio de que a Ceia é simplesmente uma recordação da morte de Jesus. Estas declarações devem ser entendidas metaforicamente. O pão representa o corpo de Jesus, e o cálice representa o seu sangue. Morris observa corretamente que o gênero do pronome demonstrativo "isto", no verso 24, é neutro, enquanto a palavra pão é masculina. Jesus, então, não poderia estar dizendo: "Este pão é literalmente o meu corpo". Pode se referir à ação inteira, como o segundo *isto* faz neste verso (158), de acordo coma frase "fazei isto em memória de mim".[6]

Ainda que a questão continue a fomentar discussões e controvérsias, ainda dividindo opiniões, deve-se observar, acima de toda e qualquer posição teológica, as Sagradas Escrituras, que são muito claras ao dar a palavra final sobre o assunto. O apóstolo Paulo, escrevendo à Igreja em Corinto, lembrou-lhes as palavras de Jesus, em seus últimos instantes com seus discípulos, antes de ser preso e crucificado: "... o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice dizendo: Este cálice é Novo Testamento no meu sangue..." (1 Co 11.23-25)

Comentando as palavras do apóstolo Paulo em 1 Coríntios, Matthew Henry reafirma o significado da Santa Ceia como, mais que um ato simbólico da morte de Cristo, uma celebração de sua ressurreição e o cumprimento de suas palavras: "... eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mt 28.20).

O apóstolo descreve a ordenança sagrada, da qual tinha conhecimento por revelação de Cristo. Quanto aos sinais visíveis, estes são o pão e o vinho. O que se come chama-se pão, ainda que ao mesmo tempo simbolize o corpo de Cristo, mostrando claramente que o apóstolo não queria dizer que o pão fosse transformado em carne... As coisas significadas por estes sinais externos são o corpo e o sangue de Cristo, seu corpo partido, seu sangue derramado, com todos os benefícios que fluem de sua morte e sacrifício... [Porém] não é tão-somente em memória de Cristo, daquilo que Ele fez e sofreu, mas para celebrar a sua graça em nossa redenção. Declaramos que a sua morte é a nossa vida, a fonte de todos os nossos consolos e esperanças.[7]

No entanto, a mera participação na Ceia do Senhor, como observância da ordenança divina, não é o que representa em si a celebração do partir do pão e o beber do vinho, como afirma Matthew Henry:

Os atos externos não são o todo, nem a parte principal daquilo que se deve fazer nesta santa ordenança. Os que participam dela devem tomar a Cristo como seu Senhor e sua vida, render-se a Ele e viver para Ele.[8]

NOTAS

[1] "Isto é o meu corpo". Zw. Opp., IV, 175.

[2] In Zwinglio: *agreste quiddarn est et arrogantulurn*. Corp. Ref., L, p. 1097.

[3] *Insignes verbi proceres*. Bull., II, 236.

[4] *Et cupido supplex vobis Ecclesia voto vestros cadit flens ad pedes*. Bull., II, 236.

[5] "... *Alla eayton ekenosen morfen doyloy labon, en omoiomati anthropon genimenos, kai skemati eyretheis hos anthropos...*"

[6] ARRINGTON e STRONSTAD. *Comentário Bíblico Pentecostal*, p. 1.006.

[7] HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico de Matthew Henry*, p. 960.

[8] Ibid.

Epílogo

Tarefa inacabada. A caminhada não chegou ao fim. Há muita coisa a ser dita. Por esta razão, não tenha como finais estas minhas considerações sobre a Ceia do Senhor; são apenas um desafio urgente para que se repense o tema com seriedade. A ceia está intimamente ligada às Boas Novas encarnada em Jesus Cristo. Por essa razão, foi em todos os tempos o alvo predileto do Inimigo. Apesar de ter sido falseada, amputada, negligenciada, hipertrofiada e mistificada, ela resistiu, impondo-se como uma das mais importantes celebrações da igreja cristã.

A Santa Ceia é um dos maiores legados que Cristo outorgou à Igreja, uma demonstração visível do seu amor por aqueles por quem sofreu as atrozes torturas do Calvário. É no momento da ceia que precisamos refletir, medir nossas atitudes em relação ao corpo de Cristo e em relação a nós mesmos. A Igreja não inventou a ceia. Ela é a última coisa que a Igreja poderia ter inventado. Celebrá-la é obedecer a uma ordem de Jesus. É celebrando-a que nos reafirmamos como elementos vitais na comunidade de fé e amor.

Será que nossas celebrações de Santa Ceia têm refletido o desejo de Cristo expresso no momento de sua instituição? Ou o sentido real de seu repetir se perdeu em algum momento de nossa história? Nada mais precisa ser dito? Será que nossas ce-

lebrações da ceia não apresentam mudanças? O que nos faz crer e garantir que nossas celebrações são reflexos das práticas da Igreja Primitiva? Precisamos refletir.

Bibliografia

AMORESE, Rubem Martins. *Celebração do Evangelho: Compreendendo Culto e Liturgia*. Viçosa, MG, Ultimado, 1997.

ASH, Anthony Lee. *Comentário Bíblico: Evangelho Segundo Lucas*. São Paulo: Vida, 1980.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.

_____. *O Quarto do Mistério*. São Paulo: Papirus, 1982.

_____. *Creio na Ressurreição do Corpo*. São Paulo: Paulus, 1984.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo, RS, Sinodal, 1985.

BRIENID, J. *Uma Leitura do Pentateuco*. São Paulo: Paulus, 1980.

BOFF, Leonardo. *Vida Segundo o Espírito*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1987.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas, SP, Luz para o Caminho 1992.

CAIRNS, Earle E. *Cristianismo através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

Cadernos: Estudos de Religião, vol. II. Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, 1982.

DANIEL-ROPS, Henri. *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1986.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1992.

ELLIS, E. Percy. *Os Amigos de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 5ª ed., 1987.

FEUERBACH, Ludwing. *A Essência do Cristianismo*. São Paulo: Papirus, 1988.

GIOIA, Raphael Martins. *O Sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Livraria Independente Editora, 1962.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 4ª ed., 1989.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico de Matthew Henry*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

LUTERO, Martinho. *Do Cativeiro Babilônico da Igreja*. São Leopoldo, RS, Sinodal, 1982.

_____. *Obras Selecionadas: Debates e Controvérsias*, vol IV. São Leopoldo, RS, Sinodal/Concórdia, 1993.

LADD, Georg. *Apocalipse: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

LELOUP, Jean-Yves/BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

MARLE, J. D'aubigné. *A História da Reforma Protestante do Décimo-Sexto Século*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, s/d.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MARTINS, Raphael Gioia. *Ceia ou Missa?* São Paulo: Livraria Independente, 1962.

PORTO, Humberto. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1929.

RIENECKER, Fritz/ROGERS, Cleon. *Chave Lingüística do N. T. Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: São Leopoldo, RS, Sinodal/Paulinas, 1984.

Roberto dos Reis Santos

A Santa Ceia



Permanecer em Cristo é um mandamento, uma ordem, e, mais do que isso, um princípio para a celebração da Santa Ceia. A permanência em Cristo, como celebração do corpo, é o verdadeiro significado da ceia. É certamente ela se torna um ato despojado do seu verdadeiro sentido quando seus celebrantes não fazem parte da videira e não se alimentam de sua seiva.

Permanecer na videira é uma questão de vida ou morte. Ou permanecemos nEle ou morreremos; ou somos parte de Jesus ou não somos; ou nos enraizamos em seu caule para termos vida ou secaremos como ramos imprestáveis, que por fim serão lançados fora (Jo 15.6).

Ceia é celebração da vida. Vida para quem permanece na videira; vida para quem está enraizado em Jesus; para quem tem a seiva vital correndo em suas veias: "... quem de mim se alimenta por mim viverá" (Jo 6.57).

Autor

Roberto dos Reis é pastor da Assembléia de Deus em Taubaté, São Paulo, professor de Grego, Hebraico e Filosofia, com mestrado em Ciencias da Religião (Teologia e História) pela Universidade Metodista de São Paulo e diretor do Seminário Teológico Modular (STM).

ISBN 852630728-2

9 788526 307285